

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Dissertação

Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul:
Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos

Prof. Fábio Bitencourt Leivas

PELOTAS – RS

2014

FÁBIO BITENCOURT LEIVAS

DISSERTAÇÃO

Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul:

Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à qualificação para obtenção do título de Mestre em Educação Física (área de concentração: Atividade Física e Desempenho).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva

Pelotas, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L525f Leivas, Fábio Bitencourt

Futebol da 2ª divisão do Rio Grande do Sul : uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos / Fábio Bitencourt Leivas ; Marcelo Cozzensa da Silva, orientador. — Pelotas, 2014.

103 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Futebol. 2. Recursos humanos. 3. Capacitação. 4. Esportes. I. Silva, Marcelo Cozzensa da, orient. II. Título.

CDD : 796

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva (Orientador)

Escola Superior de Educação Física/UFPeI

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Escola Superior de Educação Física/UFPeI

Prof. Dr. Tales Emilio Costa Amorim

Instituto Federal Sul-Riograndense - Campus Camaquã

Prof. Dr. Airton José Rombaldi (Suplente)

Escola Superior de Educação Física/UFPeI

“Sucesso é o resultado da prática constante de fundamentos e ações vencedoras. Não há nada de milagroso no processo, nem sorte envolvida. Amadores aspiram, profissionais trabalham.”

(BILL RUSSEL)

e

“A vontade de se preparar precisa ser maior que a vontade de vencer.”

(BOB KNIGHT)

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar saúde, coragem e vontade de alcançar meus objetivos.

A todos os familiares que direta ou indiretamente contribuíram, incentivaram e motivaram durante todo o processo, desde a seleção até a apresentação final da pesquisa.

As colegas Roberta e Cristiane que me acompanharam por muitos e muitos quilômetros nestes dois anos de idas e voltas até Pelotas. Compartilhamos dúvidas, estórias, conhecimentos e muitas conversas. Ao Gerson, Luciane, Joice e Verônica que também foram companhia nestas viagens.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva, que é um exemplo de profissional, competente, sempre disponível e cobrando soluções e resultados, fazendo seu papel com maestria e simpatia.

Ao Prof. Dr. Airton José Rombaldi que durante uma frustração falou: “Se tu queres não esmorece, corre atrás que tu consegue”, suas palavras foram um impulso num momento difícil, durante as aulas como aluno especial.

A todos os professores que tive contato durante o curso, todos são exemplos de profissionais dedicados e competentes.

A todos os colegas de curso que também foram fonte de inspiração, motivação e exemplo de luta por uma formação melhor.

A todos os funcionários da ESEF que sempre foram solícitos e atenciosos.

A Cristiane, minha companheira por entender que esta é uma etapa muito importante na minha vida profissional, adiando muitos planos pessoais, para que eu pudesse concluir esta etapa de minha vida profissional.

A Luisa, minha filha amada que sempre foi serena ao entender que a distância que nos separou neste período, era necessária para o cumprimento de tarefas e prazos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL	08
1. PROJETO DE PESQUISA	09
2. RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO	72
3. ARTIGO: Perfil dos treinadores e comissão técnica da 2ª divisão do futebol profissional do RS	76
4. PRESS RELEASE	93
5. ANEXOS	

APRESENTAÇÃO GERAL

A presente dissertação de mestrado atende ao regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da ESEF/UFPel. O volume final contém as seguintes seções:

- 1) PROJETO DE PESQUISA: Defendido em 30/07/2013, e apresentado com a inclusão das modificações sugeridas pela banca revisora.
- 2) RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO: Descrição detalhada das atividades realizadas pelo mestrando durante a realização da pesquisa e coleta de dados.
- 3) ARTIGO: Perfil dos treinadores e comissão técnica da 2ª divisão dos futebol profissional do Rio Grande do Sul.
- 4) PRESS-RELEASE: Resumo dos principais resultados do estudo destinado à imprensa.
- 5) ANEXOS.

1. Projeto de Pesquisa

(Dissertação de Fábio Bitencourt Leivas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul:
Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos

Prof. Fábio Bitencourt Leivas

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva

PELOTAS – RS

2013

PROJETO DE PESQUISA

Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul:

Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à qualificação para obtenção do título de Mestre em Educação Física (área de concentração: Atividade Física e Desempenho).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva

Pelotas, 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva (orientador)

Prof. Dr. Mário Renato Azevedo Jr.

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Prof. Dr. Aírton José Rombaldi (suplente)

LEIVAS, Fábio Bitencourt. Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul: Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos. 2013. Projeto de Pesquisa (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Resumo

O futebol é o esporte mais praticado no mundo. Hoje bilhões de pessoas praticam esta modalidade diariamente com diversos fins, dentre esses, há cerca de 150 milhões de atletas registrados, competindo por ligas e divisões profissionais, existentes mundo afora, desde as mais “ricas” até aquelas com menores aportes financeiros. No Brasil o futebol possui quatro divisões nacionais profissionais. Dentro dos estados existem também várias divisões, que recebem as mais diversas denominações, sendo mais conhecidas como primeira, segunda, terceira e quarta divisões: podendo ainda ser separadas por cores, letras ou módulos representativos do nível em que se encontram atualmente. O Rio Grande do Sul, especificamente vem adotando a seguinte classificação: 1ª divisão, divisão de acesso e 2ª divisão. O objeto de estudo deste é a 2ª divisão que, premia ao final da competição, os dois primeiros colocados com a participação no campeonato da segunda divisão no ano seguinte. O objetivo deste estudo é: Investigar a infraestrutura física e pessoal dos e o conhecimento do treinador e de um dirigente acerca do futebol dos clubes que participam da 2ª Divisão do RS. A abordagem desta investigação acerca da infraestrutura será de descrever como é a estrutura física dos clubes no que se refere a estádio, centro de treinamento (CTs), sala de musculação, gabinete médico e outras instalações necessárias para o bom funcionamento de um clube de futebol. Outra infraestrutura investigada será a de recursos humanos. Descreveremos como está composta a comissão técnica (CT) e a comissão de apoio e qual é a formação dos componentes destas comissões. O estudo utilizará uma metodologia de abordagem descritiva exploratória, dos 14 clubes que participam da 2ª Divisão do futebol profissional do RS.

Palavras chaves: Futebol, Infraestrutura física e Comissão técnica.

Lista de abreviatura e siglas

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CT – Comissão técnica

CTs – Centro(s) de treinamento(s)

FGF – Federação Gaúcha de Futebol

FIFA – Fédération Internationale de Futebol Association

FRGD – Federação Rio-Grandense de Desporto

FRGF – Federação Rio-Grandense de Futebol

m - metros

min - minutos

PF – Preparador físico

PG – Preparador de goleiros

PIB – Produto interno bruto

RS – Rio Grande do Sul

seg - segundos

SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Objetivos do estudo	19
2.1 Objetivo geral	19
2.2 Objetivos específicos	19
3. Justificativa	21
4. Referencial teórico	23
4.1. O futebol	23
4.2. O futebol no Rio Grande do Sul	26
4.3. Infraestrutura e futebol	29
4.4. Comissão técnica	30
4.4.1 Treinador	31
4.4.2 Assistente técnico	34
4.4.3 Preparador físico	35
4.4.4 Preparador de goleiros	37
4.4.5 Fisioterapeuta	38
4.4.6 Médico e fisiologista	39
4.4.7 Massagista	41
4.4.8 Psicólogo	42
4.4.9 Nutricionista	44
4.4.10 Assistente social	45
4.4.11 Dentista	46
4.5 Categorias de base	47

4.6 Despesas com recursos humanos	49
5. Metodologia	50
5.1 Caracterização do estudo	50
5.2 População	50
5.3 Critérios de inclusão	50
5.4 Variáveis a serem coletadas	51
5.5 Instrumentos de coleta	53
5.6 Logística e coleta de dados	53
5.7 Estudo piloto	54
5.8 Processamento e análise de dados	54
5.9 Estudo qualitativo	54
5.10 Aspectos éticos	55
5.11 Divulgação dos resultados	55
6. Cronograma	56
7. Referências bibliográficas	57
Apêndice I	60
Apêndice II	63
Apêndice III	66
Apêndice IV	68

1. INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado e assistido no mundo. A modalidade conquistou desde a sua criação no século XIX, adeptos por todo o mundo. Números apontam para 1,2 bilhões de pessoas praticando a modalidade diariamente, dados que representam quase um quinto da população. Existem dentro deste universo cerca de 150 milhões de atletas registrados, incluindo entre eles 10 milhões de mulheres entre eles, jogando futebol todo o ano (LEÃES, p.11).

Dentro destes 150 milhões de atletas temos várias divisões profissionais mundo afora, desde as mais abastadas, mantidas por patrocínios volumosos e a mídia com foco permanente, até aquelas que possuem recursos escassos para a realização das suas competições. Dentre estas competições menos “enriquecidas” temos o campeonato da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul, composto por 13 clubes que têm como primeira meta chegar à Divisão de acesso e posteriormente tentar a vaga na “elite” do futebol Gaúcho.

Soriano (2010, p. 73) destaca que, quando alguém fala de formas para obter êxito, o que devemos fazer, em primeiro lugar é de admitir que não existem fórmulas que sejam infalíveis e devemos, em seguida, começar a procurá-las, ou pelo menos chegar o mais próximo delas. A infraestrutura para o treinamento técnico, tático e físico das equipes, é considerada relevante para a formação e treinamento de atletas de futebol e para o êxito das equipes, possibilitando uma nova concepção de futebol competitivo e valorizando também novos conhecimentos científicos e profissionais. Especialistas como preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas e psicólogos, indispensáveis para o bom desempenho dos atletas, são, hoje uma realidade em clubes bem estruturados (RODRIGUES, 2003, p. 98).

Estes profissionais são de extrema importância para a excelência na modalidade, por isso equipes mais estruturadas mantêm a comissão técnica e comissão de apoio técnico completas como sugerido por Carravetta (2006, p. 75). A CT constituída por treinador,

assistente técnico, preparador físico e preparador de goleiros e a comissão de apoio formada por fisioterapeuta, médico, fisiologista, massagista, assistentes, psicólogo, nutricionista, assistente social e dentista.

A concepção adotada pelos clubes sobre o que é o futebol sofreu alterações e transformações. Atualmente, temos um conjunto de doutrinas que pregam e aplicam, com determinado sucesso, a excelência na organização e a racionalização do cotidiano prático dos clubes como o treinamento, o planejamento, a gestão e a formação de jogadores, tudo com base nestas novas doutrinas. Mas ainda temos espaço para o “ethos”, que são os costumes e o espírito da comunidade clubística, a qual pode ser tão específica quanto às cores, os brasões e outras características de determinado clube. Esses elementos são muito importantes, por isso, mesmo com as melhores intenções técnico-científicas, não podemos ignorar aquilo que existe de específico em cada clube, e nos elementos imateriais e pessoais que envolvem e participam do cotidiano de determinado clube (CARRAVETTA, p. 49, 2012).

Baseado nestes apontamentos, o estudo tem como objetivo investigar a infraestrutura física e pessoal das equipes de futebol profissional da 2ª Divisão do RS.

2. Objetivos do estudo

2.1 Objetivo geral

Investigar a infraestrutura física e de recursos humanos dos clubes que participam da 2ª Divisão do Futebol Profissional do Rio Grande do Sul (RS).

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos que nortearão o estudo estão relacionados a seguir:

- Descrever a infraestrutura física dos clubes:
 - Estádio;
 - Campos suplementares;
 - Sala da CT;
 - Ginásio;
 - Sala de musculação;
 - Piscina;
 - Sala de fisioterapia;
 - Alojamento;
 - Refeitório;
 - Sala de recreação/lazer;
- Descrever os recursos humanos dos clubes:
 - Comissão técnica dos clubes:
 - Técnico
 - Assistente técnico;

- Preparador físico;
 - Preparador de goleiros;
 - Massagista;
 - Psicólogo;
 - Médico e Fisiologista;
 - Fisioterapeuta;
 - Dentista;
 - Nutricionista;
 - Assistente social;
-
- Verificar o grau de formação dos componentes da CT;
 - Verificar o tempo de trabalho dos componentes da CT dentro das funções exercidas;
 - Verificar se existem categorias de base nos clubes e quais são elas;
 - Identificar as fontes de recursos que os clubes dispõem para o investimento no futebol profissional;
 - Determinar os critérios utilizados pelos clubes para a contratação do técnico e dos jogadores;
 - Descrever se os clubes possuem categorias de base e qual a importância que eles dão a essas equipes;

3. JUSTIFICATIVA

O futebol está presente no cotidiano mundial como um espetáculo, mas muitos outros fatores estão envolvidos no cenário deste esporte, que movimenta, no Brasil, cerca de 2% do PIB e bilhões de dólares no mundo todo. Embora a estrutura, a gestão e a composição de comissão técnica não reflitam todo esse montante.

As gestões amadoras e apaixonadas ainda existem em muitos clubes de futebol, embora alguns bons exemplos de gestão profissional e evolução econômica tenham se inserido no esporte. Tais exemplos estão presentes, atualmente em instituições mais representativas e vencedoras.

Estudos recentes, embora escassos, já demonstram que clubes brasileiros mais organizados e profissionais têm apresentado melhores rendimentos a nível nacional e internacional, corroborando a premissa de que uma gestão de pessoal e infraestrutura competente gera resultados positivos nas competições, das quais essas equipes participam.

A estrutura disponível para os clubes também tem um papel importante para o bom desempenho nos treinos, e um rendimento que proporcione resultados expressivos durante as partidas que os clubes disputam nas competições. Nesta estrutura incluímos: vestiários, laboratórios, consultórios, alojamentos, campo de jogo, campos de treinamento, academia e locais para treinamentos específicos de boa qualidade.

Os levantamentos mais recentes demonstram que aqueles clubes que têm disputado os primeiros lugares das tabelas, possuem instalações e estrutura física em locais apropriados e variados, para o desenvolvimento das capacidades necessárias a uma boa prática competitiva e de treinamento.

A formação da comissão técnica está cada vez mais interdisciplinar e diversificada para realizar o desenvolvimento integral dos atletas. Um detalhe que chama a atenção é a participação cada vez mais acentuada de Profissionais de Educação Física nos cargos de

treinador e diretor técnico ou supervisor de futebol remunerado, estes profissionais estão se habilitando com cursos de Pós-Graduação e atualização em áreas relacionadas ao treinamento e a gestão do futebol.

A especialização dos cargos e sua formação cada vez mais tomam rumos que direcionam os profissionais para atuarem em sua área específica, porque os resultados positivos em competições dependem muito da preparação do futebolista fora das quatro linhas, portanto deve estar direcionada para o desenvolvimento e a manutenção de capacidades inerentes ao futebol.

É possível que o conhecimento da realidade e o confronto com necessidades reais, possam alavancar o esporte nos clubes a outro nível, pois a posse dessas informações possibilitará que ocorra uma contribuição específica de conhecimento especializado dentro dos clubes.

O tema possibilitará aos gestores e titulares de comissões técnicas de clubes dos mais variados níveis, compreender e aprender com os dados descritos na pesquisa. O confronto das informações certamente favorecerá o esporte em nível regional a conhecer a sua realidade e a entender, porque determinados clubes alcançam resultados expressivos enfrentando seus co-irmãos.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O futebol

O futebol, neste início de século XXI é uma instituição com raízes muito fortes, e vem influenciando social, cultural e economicamente a rotina das pessoas na vida diária, tanto no comportamento social como nos hábitos pessoais e até na formação das identidades culturais. O futebol tem causado muitas impressões nos torcedores. A frequente exposição na mídia provocou uma maior visibilidade dos clubes, dos jogadores, da maneira que a equipe joga, das concepções dos treinadores e da gestão dos clubes. Isto demanda por parte dos clubes uma necessidade de organização interna, priorizando algumas áreas como: a área política não profissionalizada e as áreas profissionalizadas responsáveis pela técnica e pela saúde dos atletas (CARRAVETTA, 2012, p. 75-76).

O futebol é definido como uma modalidade apaixonante, que exige combinações muito complexas do sistema neuromuscular, e a sua prática depende do domínio dos seus principais fundamentos com os membros inferiores, em alta velocidade, sem perder o equilíbrio e a objetividade. A bola deve ser passada, chutada, dominada e conduzida na maioria das vezes em deslocamentos, com arrancadas, mudanças de direção, freadas e divididas, sendo todos estes fundamentos e movimentos realizados com os pés, sob pressão de adversários e com noção do posicionamento dos companheiros de equipe (DANTE DE ROSE, 2006, p. 128).

O futebol moderno é um esporte consolidado na cultura mundial, talvez o mais popular do planeta, amplamente massificado e praticado da mesma maneira ao redor do mundo. Isso é comprovado pela dimensão da cobertura jornalística e televisiva de seu mais importante evento, a Copa do Mundo, realizada de quatro em quatro anos, onde estão reunidas as 32 melhores seleções do mundo (SCAGLIA, 1999, p. 06).

Reilly (2003, p. 01) corrobora que o futebol é a forma mais popular de esporte no mundo e é jogado em todas as nações, sem exceção. No Brasil já foi considerado esporte de elite porque era praticado, em seu princípio, por jovens abastados, que estudaram na Europa, e, por isso, tiveram a possibilidade de realizar os primeiros contatos com este esporte. Atualmente, porém para muitos jovens e famílias das classes mais baixas, a modalidade é vista como uma forma de ascensão social, com o objetivo de superar barreiras sociais e econômicas (BRUNORO E AFIF, 1997, p.13; REIS E ESCHER, 2006, p. 31).

Vamos além desta definição, pois o futebol pode ser definido de diversas formas: sob a visão sociológica, o futebol é definido ou entendido como um esporte moderno, que surgiu da cultura inglesa na segunda metade do século 19, a partir da construção histórico-social dos Bretões, que normatizaram um jogo de bola com os pés, sendo praticado primeiramente nos “Colleges Schools” por jovens da elite. Durante o século 20, o futebol se espalhou por um grande número de países, e, juntamente com ele, foram exportados a sua linguagem própria de jogo, seu regulamento e materiais para a sua prática (REIS e ESCHER, 2006, p. 13).

O futebol do ponto de vista regulamentar e tático é um jogo ou modalidade esportiva com características de cooperação e oposição, regulado por 17 regras e disputado por 11 jogadores em cada equipe que, à exceção do goleiro, só podem jogar com os pés, utilizando um campo com um gol em cada extremidade, e com o objetivo de fazer a bola entrar no gol defendido pelo adversário. As equipes são distribuídas em goleiros, zagueiros, meios-campos e atacantes, dispostos de acordo com um sistema tático previamente estabelecido (CARRAVETTA, 2012, p. 52; CAPINUSSU e REIS, 2004, p. 143; LEÃES, 2003, p.14).

A dimensão biológica também define o futebol, porque a frequência de jogos durante o ano é muito grande. Durante um ciclo anual, enquanto outras modalidades realizam de 10 a 20 competições, como o levantamento de peso, a natação, as modalidades de ginástica e o remo, no futebol são disputados de 70 a 80 jogos. A exigência físico-metabólica é muito elevada, a duração das ações (jogadas) durante um jogo de futebol vai de 2,27 seg até 1 min e 34 seg, sendo que isto representa, em média pouco mais de 30 seg por jogada e, ao final do jogo, cerca de 6% das jogadas duram mais que 1 min. A demanda aeróbia é muito exigida por representar a capacidade do atleta de suportar mais de 90 minutos de atividade total, com uma distância percorrida total de 10000 m ou mais (GOMES E SOUZA, 2008, p.30; ARRUDA & Cols, 2013, p. 30; CARRAVETTA, 2012, p. 52; STOLEM & Cols, 2005).

Outra abordagem sobre o conceito de futebol é feita por CARRAVETTA (2012, p. 51-52), na qual o autor define a modalidade como um sistema aberto com uma estrutura interna, o próprio jogo, e externa, os clubes e as federações em que a FIFA exerce a função de regular o sistema. Este sistema permite uma interação dinâmica e interdependente entre a FIFA, federações nacionais, regionais, clubes, futebolistas e o fim que são os jogos de futebol.

A estrutura interna abordada representa todos os atos e ações inerentes à partida de futebol, códigos, convenções e relações humanas que ocorrem no momento do jogo. O encontro desses atletas e sua comunicação motora estabelecem condições prévias para o condicionamento e delimitação dos espaços de jogo, que tornando o futebol fascinante e que se não existissem, tornaria a modalidade um verdadeiro caos (CARRAVETTA, 2012, p. 51).

Os regulamentos definem como será a configuração dos jogos, e, é claro, que temos inseridos nestas partidas um conjunto de situações motoras de confrontação, regidas pela interação com os companheiros de equipe e com os adversários, e ainda com as dimensões do campo, o tipo e qualidade do piso de jogo, a bola utilizada e os fatores climáticos. A área ocupada por cada jogador no campo pode variar muito e a inferioridade ou superioridade numérica, que pode ocorrer pela expulsão de jogador, forma um conjunto de circunstâncias que variam e estabelecem necessidades de adaptação e desafios aos jogadores dentro de campo durante a partida (CARRAVETTA, 2012, p. 53-54).

A estrutura externa do futebol está representada em seu ponto mais alto da cadeia pela FIFA, que se serve de mecanismos de regulação formais e informais para introduzir seus objetivos, normas e valores do futebol no mundo. Esta relação de hierarquia inicia com a filiação e registro das equipes e seus atletas nas federações estaduais, permitindo a sua participação em ligas e campeonatos organizados pelas federações; os clubes, desta forma, integram uma determinada federação que responde a uma federação ou confederação nacional que se reporta à FIFA como entidade maior, a qual conta com 208 afiliados e movimenta uma quantia anual superior a US\$ 4 bilhões. No Brasil a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é a entidade com representatividade nacional perante a FIFA (CARRAVETTA, 2012, p. 55-56).

4.2 O futebol no RS

O futebol no RS iniciou sua trajetória em 14 de julho de 1900 no campo do Club de Tiro Alemão, onde duas equipes se enfrentaram e uma delas saiu vitoriosa por 4 a 3. O motivo da partida era uma reunião que aconteceria após a mesma para decidir-se pela fundação de um clube. A reunião fracassou e foi então marcada para o dia 19 de julho de 1900, quando foi fundado o S. C. Rio Grande, como um clube poliesportivo. A partir daí, pela facilidade de ser uma cidade considerada um polo de trocas econômicas e socioculturais, na condição de cidade portuária, os migrantes e seus dependentes disseminaram o futebol pela região e pelo estado (RIGO s/d; ATLAS DO ESPORTE, s/d, p. 258).

A fundação do Vovô, como é carinhosamente intitulado o S. C. Rio Grande por ser considerado pela CBF como o clube de futebol mais antigo do país, provocou a fundação de outros clubes. Cidades como Pelotas, Porto Alegre e Bagé foram visitadas e tiveram contato com o clube recém-fundado, o qual realizou partidas de exibição nesses municípios. A primeira partida contra uma equipe estrangeira também foi jogada pelo Vovô. Destaque deve ser evidenciado a partidas disputadas em 18 e 22 de maio de 1901, quando o clube Riograndino disputou jogos contra os tripulantes de um navio Inglês, o Nymph. Embora a CBF reconheça a primeira partida internacional em território nacional como sendo o jogo entre Railway Team e o São Paulo Gás Team, muitos consideram este jogo realizado na cidade Rio Grande como sendo a primeira partida internacional realizada no Brasil, porque o jogo de 1895, foi disputado por moradores da cidade de São Paulo e o jogo realizado aqui no estado teve como adversários trabalhadores do navio estrangeiro (RIGO, 2001, p. 38).

Os feitos do Vovô foram além dos jogos realizados na região e em Porto Alegre, motivando a fundação de outros clubes e ligas. Em Porto Alegre, o jogo demonstração motivou a fundação do Grêmio Football Portoalegrense (1903). Na cidade de Pelotas chegaram a ser criadas ligas que organizavam os campeonatos e jogos, e até na fronteira com o Uruguai, na cidade de Santana do Livramento, houve influência para a fundação do S. C. 14 de Julho (RIGO, s/d; ATLAS DO ESPORTE, p. 258).

A organização do futebol gaúcho até perto dos anos 20, ficou restrita a torneios e campeonatos regionais e a amistosos realizados por equipes de cidades diferentes. Na cidade de Pelotas, uma liga foi fundada em 1907 e na cidade de Santana do Livramento foi disputado o primeiro campeonato em 1906. Esses acontecimentos motivaram a criação de uma liga na capital e a realização de um campeonato na mesma, vencido pelo extinto clube Militar, que era formado pelos alunos da Escola de Guerra (<http://www.campeosdofutebol.com.br/hist_fut_rgsul.html>. acesso em 07/08/2013).

No ano de 1918, exatamente no dia 18 de maio, foi realizado o primeiro Congresso do Futebol do Rio Grande do Sul. Nessa época, durante o encontro realizado com dirigentes de futebol representantes de todas as regiões do estado, resolveu-se unir as ligas existentes no RS para a organização de uma disputa que envolvesse clubes de todas as regiões. A assembléia foi presidida pelo então mandatário do E.C. Pelotas, Francisco Simões Lopes, e nela ficou decidido pela fundação da Federação Rio-Grandense de Desporto (FRGD), hoje denominada Federação Gaúcha de Futebol (http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist._fut_rgsul.html). acesso em 07/08/2013).

O primeiro Presidente da então Federação foi Aurélio Py, Francisco Simões Lopes foi o Vice-Presidente, com Washington Martins frente à tesouraria e os secretários Nestor Fontoura e José Revello. No dia 10 de agosto do mesmo ano a CBD reconheceu a FRGD com órgão organizador do futebol no estado (DIENSTMANN, p. 11, 1987).

O primeiro campeonato seria disputado por Cruzeiro (campeão de Porto Alegre), Brasil (campeão de Pelotas) e 14 de Julho (campeão da fronteira), mas a disputa foi cancelada por causa da febre espanhola que assolou o estado naquele ano. Desta forma, o primeiro campeonato organizado pela federação iniciou em 1919 e teve como campeão o G.E. Brasil, que rivalizou com Grêmio de Porto Alegre e 14 de Julho de Santana do Livramento (DIENSTMANN, p. 12, 1987).

Apenas nos anos de 1923 e 1924 o campeonato não foi disputado devido a Revolução Federalista. Na década de 40, quando a profissionalização atingiu o futebol do estado, a FRGD dividiu-se e o campeonato gaúcho passou a ser organizado por sua sucessora, a Federação Rio-grandense de Futebol (FRGF), que na década de 40 alterou sua denominação para Federação Gaúcha de Futebol (FGF) (DIENSTMANN, p. 12, 1987).

Esta forma de disputa, com um representante de cada região, dividindo o estado em quatro foi mantido até o ano de 1960. A 1ª região era representada pelo campeão da disputa de Porto Alegre, São Leopoldo e Caxias do Sul; a 2ª região era representada pelo campeão das disputas entre Bagé, Rio Grande e Pelotas; a 3ª região era representada pelo campeão da disputa entre Santa Maria, Cachoeira do Sul, Tupanciretã, Passo Fundo e Cruz Alta; e a 4ª região pela disputa entre Santana do Livramento e Uruguaiana. A curiosidade para este início foi que nos anos de 1919 e 1920 a 3ª região não enviou representante (DIENSTMANN, p. 12, 1987).

A década de 30 foi de ouro para o vovô e para o futebol da cidade de Rio Grande. Foi nos anos 30 do século passado que o clube conseguiu conquistar o campeonato Gaúcho em 1936. Esta década não foi só a melhor para o clube, mas também para cidade

porque os dois outros clubes do município que também disputavam os campeonatos também sagraram-se vencedores do campeonato Gaúcho daquela década (S. C. São Paulo vencedor em 1933 e o F. C. Riograndense em 1939) (RIGO, s/d; DIENSTMANN & DENARDIN, p. 07, s/d).

A partir dos anos 40, a hegemonia da dupla Gre-Nal torna-se evidente. As equipes da capital se revezam no topo da tabela do campeonato gaúcho, com pequenas exceções, como no ano de 1954 com o Renner, em 1998 com Juventude e em 2000 com o Caxias vencendo o Campeonato Gaúcho da 1ª Divisão (ATLAS DO ESPORTE, s/d, p. 258).

A projeção nacional dos clubes gaúchos começou com a convocação em 1934, do primeiro jogador Gaúcho para a Seleção Brasileira, Luiz Luz, jogador do extinto Americano de Porto Alegre. No ano de 1944, o jogador Tesourinha, integrante do Rolo Compressor, como era conhecido o time do S. C. Internacional de Porto Alegre, foi convocado para a seleção. Nessa época já existia maior respeito e consideração por parte da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para com o futebol Gaúcho, porque no ano de 1950, o extinto estádio dos Eucaliptos pertencente ao S. C. Internacional, foi uma sede de jogos da Copa do Mundo daquele mundial (GUAZZELLI, 2000).

Em 1951, o futebol Gaúcho começa a ganhar projeção internacional quando, em um jogo amistoso entre o Internacional de Porto Alegre e a seleção do Uruguai, campeã mundial no ano anterior, a equipe gaúcha consegue um empate com a seleção rival. Em 1956, o Brasil foi representado nos jogos Pan-americanos por uma seleção formada por jogadores gaúchos com base na equipe do Internacional, inclusive vencendo a Argentina, que era uma das poucas seleções que levavam vantagem em relação ao selecionado brasileiro (GUAZZELLI, 2000).

Dez anos mais tarde, uma seleção Gaúcha novamente representou o Brasil na disputa da Taça Bernardo O'Higgins, no Chile: com uma vitória e uma derrota o selecionado conquistou o troféu, sendo esta a única conquista brasileira do ano (GUAZZELLI, 2000).

Em 1967, durante uma competição dos grandes clubes do eixo Rio-São Paulo, mais os destaques das Minas Gerais, Paraná e do Rio Grande do Sul, o Internacional foi o vice-campeão, repetindo a campanha no ano seguinte com o Grêmio em 4º lugar. Estes desempenhos influenciaram a convocação de jogadores gaúchos para a seleção nacional, com destaque para Everaldo do Grêmio, que foi constantemente convocado até 1972, rendendo-lhe uma estrela dourada na bandeira do Grêmio (GUAZZELLI, 2000).

O futebol do Rio Grande do Sul chegou à plenitude nacional já nos anos 70, quando o Internacional venceu três títulos nacionais (75, 76 e 79), o último de forma invicta. Na

década seguinte, o Grêmio, em 1981, vence seu primeiro título nacional e, mais tarde, em 1996, tem sua segunda conquista no Campeonato Brasileiro. O tricolor de Porto Alegre é um dos maiores vencedores da Copa do Brasil, vencendo quatro títulos (89, 94, 97 e 2001). O Internacional ainda venceu também a Copa do Brasil uma vez em 92 e o Juventude de Caxias do Sul venceu em 99, tornando-se o único clube do interior do estado com um título nacional (FRISSELLI e MANTOVANI, 1997)

Atualmente, o futebol no RS não se apresenta muito diferente de algumas décadas anteriores. Muitos são os clubes que mantêm equipes participando dos campeonatos organizados pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Além das equipes que participam da 1ª divisão, divisão de acesso e 2ª divisão, o destaque vai para vários clubes empenhados em campeonatos amadores de base. Já o predomínio iniciado na década de 40 com a dupla Gre-Nal se mantém. Por outro lado, a decadência econômica da região da campanha e outras regiões vizinhas perante a metade norte, sucumbiram vários clubes e, literalmente, rebaixou-os a meros coadjuvantes nas competições de acesso (ATLAS DO ESPORTE, s/d ,p. 258).

4.3 Infraestrutura e futebol

A infraestrutura é um ponto de extrema importância no esporte de rendimento. O chamado futebol científico, que se iniciou na preparação para a Copa de 1970 e teve como idealizadores Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira alavancou com sucesso, a necessidade de proporcionar aos clubes uma CT mais organizada e estruturada (RODRIGUES, 2003, p. 98). Neste contexto os Centros de Treinamentos (CTs) fazem parte da modernização dos clubes de futebol que se iniciou em meados da década de 70. Alguns clubes bancaram a construção desses centros, outros realizaram parcerias com empresas para o mesmo fim.

Em 1973, foi inaugurada no bairro da Pampulha na cidade de Belo Horizonte, a Toca da Raposa, um CTs exclusivo para a equipe de futebol profissional do Cruzeiro. Sua estrutura foi durante muitos anos referência no país, sendo o primeiro CTs construído para um time profissional. Durante a década seguinte ele foi utilizado pela Seleção Brasileira como centro oficial de preparação para as copas de 82 e 86 e o pan-americano de 1983 (FIGUEIREDO, 2011, p. 140-141).

Pode-se pensar esses centros como verdadeiros laboratórios de formação e preparação de atletas, implementando uma nova concepção de futebol competitivo, em que

a preparação física e a tática ganham relevo especial. A criação dos CTs traz consigo a utilização de novas tecnologias a serem aplicadas no futebol, valorizando conhecimentos científicos e também os novos profissionais, tais como: preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas, psicólogos e outros (RODRIGUES, 2003, p. 98).

Os CTs separam os jogadores do mundo exterior e restringem o acesso dos torcedores aos jogadores, o que em clubes, por exemplo, como o São Paulo F. C. é liberado somente um dia após a concentração (TOLEDO, 2000, p. 144).

O CT do São Paulo F. C. iniciou seu funcionamento em 1988. Criado para servir como concentração e tratamento de atletas, conta com departamento médico, e com um núcleo de reabilitação esportiva, fisioterápica e fisiológica (REFIS), utilizado para o tratamento de lesões, além de dezesseis dormitórios, refeitório, cozinha, sala de jogos e vídeo, na área externa, possui três campos oficiais, um minicampo, campo para o treinamento de goleiros, arquibancada para quatro mil pessoas, sala de imprensa e quatro vestiários (LOUZADA e FUMAGAL, 2009) (nº 69, año 14, julio-septiembre 2009).

O Santos F. C. possui atualmente um CTs localizado próximo a seu estádio, que abriga campos de treinamento, salas de fisioterapia, de musculação, vestiários, departamento médico, estacionamento, área para confraternização e salas para o gerente e coordenador técnico de futebol profissional (MARQUES, 2005, p. 76).

4.4 Comissão técnica

A comissão técnica é definida como um grupo de pessoas reunidas num processo de treinamento, com especializações nas diferentes áreas da preparação (CAPINUSSÚ, 2004, p.153). As comissões técnicas, nos clubes de futebol, são compostas basicamente por treinador, assistente técnico, preparador físico e preparador de goleiros. O fisioterapeuta, o médico, o fisiologista, o massagista, os assistentes, o psicólogo, o nutricionista, o assistente social e o dentista fazem parte das comissões de apoio técnico (CAPINUSSÚ e REIS, 2004, p. 152-154) (CARRAVETTA, 2006, p. 52). Algumas variações da CT proporcionam formações compostas por todos ou alguns dos profissionais acima citados. Adotaremos neste texto a sugestão de CARRAVETA (2006, p. 75) que compõe a CT com todos os profissionais acima para descrevermos este grupo de trabalho.

4.4.1 Treinador

O principal profissional da CT é o diretor técnico, e como é um cargo muito importante, a sua escolha na maioria das vezes ocorre pelo presidente do clube em conjunto com a direção de futebol. O diretor técnico ou treinador (como é normalmente chamado) é o responsável direto pela parte técnica do futebol: os treinamentos, a tática, a indicação de reforços e a planificação para integrar a base e o profissional fazem parte de premissas básicas dos treinadores atuais. O trabalho do treinador não se limita à equipe principal e precisa ser mais dominador dos espaços do clube (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p.37; CARRAVETTA, p. 79-80).

O treinador tem alguns atletas muito valiosos, com direitos federativos às vezes de dezenas de milhões de dólares, que podem dar um retorno financeiro muito grande ao clube; outros atletas não possuem valor financeiro muito grande, mas podem valorizar-se por sua qualidade técnica ou desempenho individual, os atletas que atuam ao seu lado (BRUNORO E AFIF, 1997, p. 79-80).

Uma atribuição muito explorada por técnicos modernos é a de mobilizar o clube por uma estrutura que proporcione ao atleta melhorar o seu rendimento dentro de campo. O técnico deve saber como cobrar e exigir do clube novos conceitos de trabalho até os equipamentos e instalações apropriados e necessários. O treinador precisa ser um líder agregador nos momentos difíceis, e saber ganhar a admiração e o respeito dos seus comandados sem ser autoritário, além de ouvir os jogadores e colegas de CT (CARRAVETTA, 2006, p.56; BRUNORO E AFIF, 1997, p. 80).

Para Brunoro e Afif (1997, p. 80) as principais atitudes de um líder da comissão técnica são:

- Determinação de objetivos e metas para o grupo;
- Motivação de todos os jogadores para alcançarem esses objetivos e metas;
- Implantar um ambiente social e psicológico favorável;
- Comunicar-se com os jogadores de forma eficaz.

A relação dos treinadores com os atletas é muito importante por isso sempre que possível, o treinador deve reservar um tempo para conversas mais amenas e, quando necessárias, mais específicas. A sensibilidade do técnico para diagnosticar situações problemas na vida pessoal do atleta é bem vinda; às vezes, este líder deve ter momentos

como um almoço ou jantar, ou até um simples cafezinho, para conhecer um pouco de seu atleta, esta tática se aplica principalmente aos atletas mais tímidos e retraídos, porque nem todos são iguais e merecem tratamentos diferentes, o importante é saber lidar igualmente com o grupo (BRUNORO E AFIF, 1997, p. 80).

O treinador, na comissão técnica de uma equipe de futebol, é o principal condutor do processo de treinamento e ensino-aprendizagem. A ele cabe à responsabilidade pelo ambiente do vestiário, pelo desenvolvimento dos conteúdos e metodologias que determinam a estabilização e a integração de todos os membros da comissão técnica (CARRAVETTA, 2009, p. 30).

O treinador é o especialista mais próximo dos atletas e a maior autoridade técnica do departamento de futebol de um clube. A multiplicidade de funções que desempenha e que são indissociáveis, como dirigente técnico, educador, organizador, conselheiro, estrategista e líder, acabam por realizar uma influência no comportamento dos atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 54).

O ex-atleta reúne muitas características e vivência que o tornam muito próximo da função de treinador. Neste universo um número expressivo de bons jogadores tornaram-se técnicos de futebol (CARRAVETTA, 2009, p. 30; CARRAVETTA, 2006, p. 54; GOMES e SOUZA, 2008, p. 27).

Carravetta (2009, p. 30-31) destaca que algumas características do treinador são fundamentais e indispensáveis para o desenvolvimento da rotina com qualidade e que proporcione a progressão física, técnica, tática, estratégia e relacional da equipe. Ao mesmo tempo, a coerência, a segurança, a ética e a autoridade do treinador são pontos fundamentais para o equilíbrio das relações com o grupo de jogadores e para o bom desenvolvimento técnico da equipe.

O treinador muitas vezes adota uma postura enérgica nos treinamentos e jogos, isto possui uma determinância muito grande, no comportamento competitivo e motivacional das equipes, o outro lado liberal, parcimonioso e permissivo pode reduzir a agressividade competitiva da equipe. Assim requerem-se ações equilibradas e enérgicas nas habilidades de corrigir e comandar seus atletas.

A organização do treinamento é inerente à figura do treinador na sua posição de comandante da comissão técnica. O planejamento geral e específico das unidades de treinamento está ao seu critério, dentro deste contexto, a seleção e a indicação de jogadores para comporem o plantel da equipe, exigem o seu envolvimento e o de seus comandados, e evidentemente da direção do clube (CARRAVETTA, 2009, p. 32).

A montagem do grupo considerado titular, o padrão de jogo e o plano tático da equipe dependem tanto das contratações, quanto das características dos jogadores. Com base nisso o treinador, durante os treinamentos, definirá a forma de atuação da equipe, nunca esquecendo que o perfil da equipe adversária também é um fator a ser considerado (CARRAVETTA, 2009, p. 32).

O apoio total e irrestrito dos outros membros da CT reforça e preserva a sua autoridade. Deve-se lembrar que o treinador pode ter sua imagem como líder e estrategista desgastada, afinal ele é o responsável por convocar e definir as escalações e as atitudes dentro e fora de campo (CARRAVETTA, 2009, p. 33).

Algumas situações podem causar desconforto, diferenças e inquietações nos atletas, o “não pega lista” como conhecido no meio é o principal fator, desta forma o atleta sente-se prejudicado pela perda de prêmios e pela desvalorização profissional provocada pelas ausências. Nestes casos o treinador deve possuir critérios consistentes como: transparência, honestidade e controle dos impulsos emocionais, para desfazer os “burburinhos” atenuando o ambiente para recuperar e conservar o equilíbrio da equipe.

A convivência e o exercício permanente da liderança do grupo fazem com que o treinador adquira grande importância para o jogador. A competência profissional, a dinâmica nos treinamentos, o diálogo, a cooperação, a compreensão a solidariedade e a responsabilidade moral do treinador são componentes efetivos para a consolidação da unidade do grupo, a superação coletiva e o sucesso da equipe (CARRAVETTA, 2006, p. 33).

O treinador deve apresentar um nível de conduta e moral elevados, ser um apaixonado pelo que faz, estar preparado para ensinar os comandados e ter perseverança, determinação, espírito crítico, autocontrole afetivo, sociabilidade, modéstia, respeito aos princípios entre outros. (GOMES e SOUZA, 2008, p. 27).

Outra característica importante é a de educador, Gomes e Souza (2008, p. 27) destacam ainda que o treinador de certa forma envolve-se com aspectos educacionais da personalidade (moral e estética intelectual). A metodologia do treinamento constitui-se num processo didático, que necessita de conhecimento e a direção de todo o processo deve estar calçada nos princípios didáticos, com regras e estratégias bem definidas, sem que o treinador perca o foco de comandante, procurando evitar ser autoritário e demasiadamente duro.

O treinador deve ser o responsável por implantar o planejamento da equipe com indivíduos diferentes, mas em prol de um bem ou meta em comum (FALK e PEREIRA, 2010, p. 14-15). Os primeiros conselhos de que se tem registro vêm de 700 AC, na *Ilíada* de Homero, Nestor falou a seu filho “graças à habilidade é que um condutor ultrapassa outro condutor”, referindo-se às corridas de carros puxados a cavalo.

Mais tarde em 520 AC, com o crescimento e sucesso dos festivais esportivos e a necessidade de especialização, é que efetivamente um treinador teve papel determinante: o fato negativo é de que o seu papel ou valor ficou diminuído por conta do nome não ter sido divulgado (FALK e PEREIRA, 2010, p. 15).

Os jogos deste ano notabilizaram a figura do treinador do pugilista Glauco, que foi o vencedor. Os gregos tinham três denominações que caracterizavam os treinadores da época: os *paidotribos*, considerados os polidores de repazes, com habilidades de massagistas e conhecimentos em exercícios esportivos; os *aleiptes* especialistas em higiene, alimentação e fisioterapia; e os *gymmasters* conhecedores do exercício nu que mais se aproximam dos treinadores atuais (FALK e PEREIRA, 2010, p. 15).

O entendimento é que o treinador tem um papel relevante dentro do processo de treinamento e numa evolução gradual, mas constante. Atualmente mais do que a preocupação com os elementos do jogo ele deve obter conhecimentos de outras áreas, que contribuam para o seu sucesso e desenvolvimento dos atletas comandados. A origem do treinador de futebol não é abordada nas obras específicas e recai sobre os militares e seus modelos de treinamento físico, como sendo os primeiros orientadores físicos do futebol (FALK e PEREIRA, 2010, p. 15).

O futebol brasileiro, sem motivos justificados, alça a figura do técnico de uma forma muito expressiva, pois dele partem as escolhas para os integrantes da CT. A formação desta comissão não indica, apesar de ser constituída de profissionais de várias áreas, que o resultado possa sofrer prejuízos ao seu rendimento. Esta constituição, como equipe, leva a crer que como profissionais corretos e competitivos, o entrosamento e a dedicação ocorrerão para confirmar seu prestígio e competência (CAPUNUSSÚ e REIS, 2004, p. 153).

4.4.2 Assistente técnico

O assistente técnico é um auxiliar direto que tem a confiança, a aprovação e o respeito do treinador. Este integrante da CT deve possuir a tolerância, o dinamismo, a

iniciativa e o entusiasmo como atributos básicos para o desempenho do cargo. Além disso o conhecimento da metodologia do treinamento técnico e tático, competência para orientar os treinamentos, obtenção de dados sobre jogadores, contatos com outros profissionais do meio, equilíbrio e atitude no contato com a equipe são algumas atribuições que devem se destacar neste integrante da CT (CARRAVETTA, p. 56-57, 2006).

O assistente técnico promove a ligação entre os especialistas e os integrantes da CT, observa equipes adversárias, participa das estratégias de jogo, avalia jogadores da base, participa do desenvolvimento técnico tático por meio de treinamentos personalizados e com frequência, observa os adversários e prepara a equipe reserva com a característica do próximo adversário, em treinamentos contra a equipe principal. A estatística do jogo, a recomendação de jogadores que possam suprir uma eventual necessidade técnica da equipe também são atribuições deste integrante da CT (CARRAVETTA, 2006, p. 56-58).

O assistente técnico ou observador técnico tem a responsabilidade de passar as informações ao treinador nos intervalos dos jogos (CARRAVETTA, 2009, p. 35). E quando solicitado, deve estar preparado para opinar sobre providências a serem tomadas, com o objetivo de auxiliar na preparação técnico tática da equipe. Para o bom desempenho dessas atribuições é fundamental que suas ferramentas de trabalho estejam sempre a disposição para uso: câmera fotográfica e de vídeo, projetor, binóculo e computador portátil para observação, registro e apresentação de dados.

4.4.3 Preparador físico

É o responsável pelos componentes básicos do treinamento no futebol, a sua tarefa principal é a de desenvolver as qualidades físicas ou motoras do atleta, tais como: velocidade, resistência, força, flexibilidade, agilidade e coordenação. O desenvolvimento do rendimento físico da equipe e a integração dos diferentes componentes do treinamento do futebol são atribuições deste especialista, e dependem do desenvolvimento destas qualidades físicas. Com muita frequência realiza a periodização, a estruturação de unidades do treinamento e a orientação das cargas das sessões de treinamento diárias (CARRAVETTA, 2006, p. 58).

O planejamento da pré-temporada e a montagem da bateria de testes para avaliação das qualidades físicas são estabelecidas pelo preparador físico (PF) em conjunto com a CT. Com a ajuda do auxiliar de preparação física, o preparador físico elabora a

recuperação dos atletas e a regeneração pós-jogo e durante os treinamentos coletivos faz um rígido controle da duração das atividades desenvolvidas (CARRAVETTA, 2006, p. 58-59; BRUNORO e AFIF, 1997, p. 99).

Durante os jogos, o PF realiza o aquecimento e participa ativamente no ritual de preparação para os jogos, neste momento em especial tem a possibilidade de detectar a sintomatologia do ambiente competitivo do jogo, podendo realizar intervenções visando uma preparação melhor dos atletas. O preparador físico como membro da CT, é um facilitador do processo de comunicação entre os atletas e o treinador, influenciando de forma direta na aprendizagem de bons hábitos desportivos (CARRAVETTA, 2006, p. 58-59).

O PF precisa cada vez mais, ampliar os seus conhecimentos, principalmente porque muitas inovações ocorrem nas áreas da fisiologia, fisioterapia e treinamento, uma vez que a preparação física deixou de ser empírica e se tornou mais científica, com o objetivo de dar condições físicas aos jogadores para desempenhar as funções táticas no momento que o técnico determinar para a equipe. Isso acontece durante a programação previamente estipulada por este profissional (BRUNORO e AFIF, 1997, p. 99)..

A afinidade e a confiança entre o técnico e o preparador físico é muito importante, pois entre a montagem e a preparação de sessões anteriores podem prejudicar a sessão seguinte. Portanto estes profissionais devem determinar as prioridades para que as sessões de treinamento sejam compatíveis e não concorrentes (BRUNORO e AFIF, 1997, p. 99).

São atribuições do preparador físico (CAPINUSSÚ e REIS, 2004, p. 158-159):

- a) Preparar fisicamente os atletas, de acordo com a programação previamente estabelecida;
- b) Preparar um plano básico de treinamento mensal, que sirva de apoio à preparação técnica da equipe, submetendo-o à supervisão;
- c) Apresentar, semanalmente, a programação da preparação física da equipe sob sua responsabilidade;
- d) Manter perfeito entendimento com o técnico;
- e) Comunicar ao supervisor qualquer acidente ocorrido durante os treinamentos;
- f) Acompanhar e preparar fisicamente, de acordo com as necessidades, a equipe sob sua responsabilidade em jogos e excursões;
- g) Estabelecer e desenvolver juntamente com o Departamento Médico, um plano de medição e classificação dos atletas, dando importância capital à

individualidade biológica, muito útil, e mesmo imprescindível, nos planos de treinamento físico;

- h) Preparar relatório à Supervisão sobre a atuação dos atletas nas competições, além de relatórios mensais sobre as atividades do seu setor, para posterior discussão e análise com o supervisor;
- i) Respeitar e fazer respeitar as leis esportivas, estatutos e regulamentos do clube, cumprindo os deveres de disciplina dentro e fora dos locais de competição;
- j) Observar e fazer cumprir os horários determinados para as atividades do seu setor;
- k) Assessorar o supervisor sobre qualquer assunto que se refira à sua especialidade;
- l) Orientar e fiscalizar os preparadores físicos ou estagiários que estiverem sob sua responsabilidade;
- m) Manter perfeito entrosamento com o responsável pelo preparo psicológico dos atletas, dando-lhe conhecimento de algum problema ocorrido, que se refira à especialidade daquele profissional. Esta comunicação poderá ser feita diretamente ao supervisor, que delegará competência ao preparador físico para contatar o psicólogo.

4.4.4 Preparador de goleiros

As regras do futebol só permitiram a especificidade da função do goleiro em 1871, quando foi dada a um determinado jogador a oportunidade de usar as mãos para pegar a bola. No início, os preparadores físicos ou auxiliares técnicos foram os responsáveis por treinar esse atleta e suas especificidades, a preparação do goleiro deve ser realizada com práticas individuais e coletivas.

O preparador de goleiros (PG) é o especialista da CT que exerce a função de relevante importância, em muitos jogos a vitória e a derrota depende diretamente da atuação dos goleiros. O PG não deve dissociar as suas funções do restante da CT. Como integrante da mesma deve estreitar sua relação funcional com o treinador para conhecer detalhadamente a individualidade dos companheiros de equipe, as estratégias de jogo e o plano tático da equipe. Os jogadores sob seu comando devem ser orientados sobre as particularidades técnicas do grupo (CARRAVETTA, 2009, p. 37).

A função de PG exige um profundo conhecimento das qualidades requeridas para o desenvolvimento técnico do goleiro: aspectos morfológicos (altura, relação altura e peso, envergadura), físicos (velocidade de reação e agilidade), técnicos (coordenação geral e específica) e comportamentais (concentração, coragem, decisão, vigilância e dinamismo) (CARRAVETTA, 2006, p. 59).

A proficiência para utilizar recursos e procedimentos indispensáveis à aprendizagem das técnicas específicas é uma atribuição do PG, que englobam os componentes de coordenação geral, a fundamentação e o desenvolvimento dos elementos técnicos, a percepção de dados importantes do jogo, o entusiasmo, a combatividade, a orientação tática e os treinamentos de interceptação e reposição de bola (CARRAVETTA, 2009, p. 38).

No plano técnico-pedagógico, o PG deve ser metódico e atencioso, de modo que possa ser capaz de auxiliar atletas em formação a vencer as dificuldades, ser paciente e sensível mesmo após situações de frustrações e derrotas. A orientação motivacional, o incremento de exercícios acrobáticos e o desenvolvimento das qualidades físicas e morais são exemplos de elaborações multidimensionais que podem ser vistas sob uma variedade de perspectivas teóricas na relação do PG com os atletas (CARRAVETTA, 2009, p. 38).

4.4.5 Fisioterapeuta

O fisioterapeuta é o profissional responsável pelo tratamento e recuperação de atletas lesionados e também pelos procedimentos de prevenção de lesões. O futebol é um esporte com característica de contato, portanto inúmeras lesões podem ocorrer durante os jogos e treinamentos. Entretanto várias destas lesões podem ser evitadas com ações realizadas por este profissional (CARRAVETTA, 2006, p. 66).

Este integrante da CT direciona as suas ações à preparação física do atleta. Isso inclui os cuidados com o terreno de treinamento e os calçados utilizados, os procedimentos de recuperação pós-esforço, o cuidado com exercícios de alongamento e aquecimento. Para realizar essa prática, o fisioterapeuta utiliza os conhecimentos da cinesioterapia, massagens, exercícios de alongamento e flexionamento (CARRAVETTA, 2006, p. 66) (BRUNORO E AFIF, 1997, p. 95-96).

Os meios físicos mais utilizados pelo fisioterapeuta para a produção de resultados biológicos, analgésicos e antiinflamatórios, são a termo e a eletroterapia, além desses, a

crioterapia é outro meio empregado. Este meio utiliza o frio no tratamento de enfermidades inflamatórias do aparelho locomotor (CARRAVETTA, 2006, p. 66).

Avaliações periódicas e a interação com os profissionais do setor de saúde que integram a CT também são funções do fisioterapeuta, que realiza atividades como exercícios físicos em salas de musculação, hidroterapia e em circuitos específicos como aqueles que trabalham a propriocepção (BRUNORO E AFIF, 1997, p. 95-96).

Segundo Capinussú & Reis (2004, p. 161) são atribuições do fisioterapeuta integrante da CT:

- a) Trabalhar perfeitamente integrado à CT, no sentido de prevenir as lesões, observando atentamente o treinamento;
- b) Promover a recuperação das lesões esportivas, sempre trabalhando juntamente ao médico;
- c) Participar das reuniões da CT, no sentido de, permanentemente, assistir aos atletas;
- d) Manter diálogo com os atletas e familiares, no sentido de orientá-los quanto ao tipo de lesão existente, e também para a profilaxia das lesões, objetivando acelerar o processo de recuperação;
- e) Providenciar uma estrutura de fisioterapia, procurando obter o maior apoio logístico possível para o setor.

4.4.6 Médico e fisiologista

O médico esportivo é o profissional que trabalha com a patologia do esporte na prevenção, no diagnóstico e no tratamento de lesões (CARRAVETTA, 2006, p. 71). O desenvolvimento da função depende da permanente interação com os outros membros da CT. Todos devem ser comunicados antes dos treinamentos e dos períodos de planejamento sobre diagnósticos, progressos e prognósticos dos problemas médicos enfrentados pelos atletas das equipes.

O avanço da ciência do esporte e as exigências do esporte de rendimento atual exigem dos especialistas da saúde envolvidos nas CT um equilíbrio de atuação, uma vez que cada integrante representa uma parte e não a totalidade dos conhecimentos que apoiam a estrutura da CT para o desenvolvimento dos atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 71).

Os médicos esportivos atuam em três frentes ou áreas: a clínica, a ortopédica e a fisiológica. Na área clínica, o médico controla as anomalias cardiovasculares, o desenvolvimento físico atrasado, o histórico clínico, a ergometria e a ergocardiografia. Na área ortopédica são realizadas explorações que podem apontar para os tratamentos preventivos ou cirúrgicos, no que diz respeito aos ossos e articulações dos atletas. Na área fisiológica é desenvolvido o acompanhamento da performance dos atletas, e são analisados os efeitos agudos e crônicos das cargas de treinamento nas estruturas sistêmicas dos atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 72).

A área fisiológica dentro de uma CT, citada na literatura por Frisselli e Mantovani (1999, p. 42), surgiu como um diferencial no São Paulo Futebol Clube, através do Dr. Turíbio de Barros Leite, tal fato chegou a ser um modismo em muitos clubes, os quais muitas vezes, movidos pela vaidade de alguns dirigentes gastaram recursos elevados sem um aproveitamento prático e de resultados satisfatórios.

O importante é que o cargo de fisiologista seja ocupado por um profissional que tenha, na continuidade de sua formação, cursos de pós-graduação e pesquisa, direcionados para a fisiologia esportiva e que, de preferência, viva a realidade do clube, ficando desta forma próximo dos acontecimentos do clube e não apenas em seu laboratório de trabalho (FRISSELLI E MANTOVANI, 1999, p. 42).

O médico fisiologista ou fisiologista é o profissional que estabelece os protocolos e as metodologias de avaliações fisiológicas, interpretando, orientando e esclarecendo os preparadores físicos sobre os resultados das avaliações e sobre as complexidades fisiológicas das etapas de treinamento (CARRAVETTA, 2009, p. 66).

Capinussú e Reis (2004, p. 159), destacam que o médico no contexto de uma CT tem basicamente as seguintes atribuições:

- a) Prestar assistência permanente aos treinamentos e competições de que participem equipes representativas do clube;
- b) Prestar assistência permanente à concentração, caso o clube mantenha um setor dessa natureza;
- c) Estabelecer um esquema de plantonistas para médicos e enfermeiros;
- d) Estabelecer um esquema para horário de consultas e tratamentos de rotina;
- e) Prestar atendimento somente quando o atleta se apresentar munido da respectiva guia de encaminhamento, emitida pela supervisão desportiva (profissional ou amador), excetuando-se os casos em que o atleta necessitar de assistência médica durante competições ou treinamento;

- f) Prestar assistência dietética, ministrando a respectiva orientação, se o clube não tiver nutricionista;
- g) Orientar e supervisionar clinicamente os treinamentos;
- h) Participar, juntamente com os demais membros da CT dos estudos sobre os métodos de treinamento e avaliações dos resultados obtidos;
- i) Elaborar um fichário clínico dos atletas;
- j) Fazer contato com serviços especializados em tratamento odontológico, visando o encaminhamento de atletas, quando isso se tornar necessário e o clube não contar com este profissional; e
- k) Manter a supervisão rigorosamente informada das atividades do setor e suas necessidades, por meio da remessa periódica de relatórios.

4.4.7 Massagista

Segundo Carravetta (2006, P. 69), o massagista é um especialista que concentra a sua ação nas massagens e tem a função de prestar as primeiras assistências aos atletas nos treinamentos e jogos. A principal ação que ele tem é a de acelerar o processo de recuperação para reduzir a fadiga, as tensões musculares e articulares.

Este profissional oferece assistência permanente ao médico, providencia e controla a ingestão de medicamentos, líquidos e suplementos prescritos pelos profissionais que tratam destes aspectos, durante os treinamentos e jogos. O massagista deve ter conhecimento quanto aos procedimentos de primeiros socorros e deve estar sempre atualizado, pois medidas ou manobras inadequadas sobre um atleta lesionado podem acarretar agravamento de lesões, traumas na cabeça e no tórax e, muitas vezes, podem causar paradas cardiorrespiratórias. Nesses casos, o primeiro atendimento é vital e o resultado satisfatório depende do conhecimento básico do profissional, visando manter a integridade física do atleta até a chegada de um atendimento especializado (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 44; CARRAVETTA, 2006, p. 70).

O massagista deve ser um profissional de atuação dinâmica e, rápida e ao mesmo tempo, possuir a devida serenidade, quando for solicitada a sua atuação, porque na maioria das vezes os procedimentos são específicos a cada situação de acordo com o caso de momento, portanto a atuação do massagista é fundamental para alívio da dor e redução de hematomas em processos inflamatórios. Os métodos utilizados pelo massagista vão desde

a quiropraxia, a aplicação de frio, de calor e a própria massagem (CARRAVETTA, 2006, p. 69).

O vínculo afetivo do massagista com os atletas na convivência diária, oferecendo atenção, segurança e conforto nos momentos de afastamento para a recuperação de lesões e outras enfermidades é muito grande, porque nestes períodos os atletas manifestam uma grande ansiedade para retornar aos treinamentos e jogos e este apoio gera confiança e segurança aos jogadores (FRISSELLI e MANTOVANI, 1997, p. 44; CARRAVETTA, 2006, p. 70).

4.4.8 Psicólogo

O psicólogo foca o seu trabalho na origem e nas implicações dos acontecimentos psíquicos que os atletas apresentam durante os treinamentos e competições, procurando aperfeiçoar a performance das equipes com a implantação de programas de psicologia, aplicados à prática do futebol (CARRAVETTA, 2006, p. 61).

O psicólogo realiza avaliações psicológicas como: questionários, testes, escalas, inventários, entrevistas e observações. Os procedimentos de rotina são realizados com a finalidade de conhecer o estado cognitivo dos atletas, as suas habilidades, atitudes e características e, desta forma, ele poderá diagnosticar, descrever, selecionar, intervir e classificar os atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 61).

A conduta do jogador é observada em todas as situações onde ele estiver envolvido com a equipe, desde os treinamentos, passando por concentrações, viagens, vestiários e nos jogos. Individualmente os atletas são avaliados quanto à depressão, à agressividade, à ansiedade, a percepções de diferentes componentes que formam o ambiente do futebol, ao perfil do estado de humor e à atenção, seja ela difusa ou concentrada (CARRAVETTA, 2006, p. 62).

A análise sociométrica também é realizada para identificar as lideranças, as preferências, os isolamentos, as simpatias e a coesão do grupo. O diagnóstico destes testes deve ser levado à discussão com os outros membros da CT e deve ser mantido o sigilo em nível de CT, alguns dados inclusive são de uso exclusivo do psicólogo (CARRAVETTA, 2006, p. 62).

O psicólogo também orienta os outros membros da CT sobre a conduta que deve ser empregada com os atletas para prevenir o aparecimento de distúrbios psicológicos e emocionais que possam interferir de forma negativa na performance dos atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 62).

O treinamento para a melhora em aquisição das habilidades mentais no futebol tem sido realizado por muitos psicólogos e tem revelado melhorias na performance dos atletas.

Capinussú e Reis (2004, p. 160) destacam como atribuições do psicólogo, dentro de uma CT:

- a) Realizar uma entrevista psicológica com o atleta;
- b) Empregar o método de observação e descrição do comportamento do atleta;
- c) Efetuar estudos das exigências psicológicas relacionadas aos atletas, seguindo as características do esporte;
- d) Realizar levantamento empírico do perfil psicológico ideal do atleta e da equipe, baseado no esporte que pratica;
- e) Avaliar o perfil psicológico real do atleta e da equipe, por meio da seleção e aplicação de uma bateria de testes psicológicos específicos;
- f) Estimar o perfil psicofisiológico do atleta e da equipe, baseado nos instrumentos de medida específicos;
- g) Realizar diagnóstico psicológico-clínico e psicológico-esportivo, individual e da equipe;
- h) Efetuar reteste psicológico dos atletas;
- i) Estimar os resultados do treinamento das técnicas psicológicas sobre o desenvolvimento das habilidades psicomotoras e da performance dos atletas;
- j) Manter a supervisão informada das atividades do seu setor, por meio da remessa periódica de relatórios;
- k) Realizar treinamento mental integrado: aquisição de habilidades psicológicas;
- l) Realizar treinamento motivacional: estabelecimento e programação de objetivos;
- m) Realizar treinamento mental aplicado: solução de problemas e treinamento de atitudes;
- n) Efetuar preparação mental integrada: preparação competitiva e aplicações específicas;
- o) Avaliar a adaptação à competição;

- p) Acompanhar o plano de competição do atleta;
- q) Efetuar aplicações específicas em: treinamento de afirmatividade; treinamento de dinâmica de grupo; recuperação de informações técnico-psicológicas; reabilitação após lesões e ferimentos;
- r) Utilizar os princípios de “toughness” de loher.

4.4.9 Nutricionista

O nutricionista é o especialista em problemas de alimentação que integra a CT dos clubes de futebol. A principal tarefa do nutricionista é o desenvolvimento do padrão alimentar e o suprimento das necessidades dietéticas dos atletas, podendo realizar atendimento individual e coletivo, visando a máxima performance desportiva (CARRAVETTA, 2006, p. 60; FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 44).

A informação que o nutricionista leva aos atletas, quanto aos aspectos nutricionais, e a sua orientação, pode evitar consequências desfavoráveis para o desenvolvimento da performance dos atletas (CARRAVETTA, 2006, p. 60).

O apoio nutricional aos jogadores contribui para a capacidade de sobrepôr a exigência energética cuja perda ocorre nos treinamentos e jogos. A necessidade de suprir as carências nutritivas especiais faz com que o peso e composição corporal sejam controlados e adequados para o padrão do futebol (CARRAVETTA, 2006, p. 61; BRUNORO e AFIF, 1997, p. 97).

O nutricionista deve estar em constante contato com o técnico e o preparador físico para a elaboração e aplicação do cardápio e também no momento da elaboração, planejamento e periodização, porque cada etapa do treinamento deve ter um cardápio que atenda às necessidades de reposição energética e reconstrução de estruturas musculoesqueléticas microlesadas (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 44; BRUNO e AFIF, 1997, p. 97).

O trabalho do nutricionista do clube pode se estender até a casa do jogador, onde o nutricionista pode orientar os familiares dos atletas quanto à qualidade e quantidade dos nutrientes utilizados nas refeições em casa. Muitos clubes que não têm condições de manter um profissional em tempo integral, podem recorrer à assessoria nutricional ou buscar apoio em Universidade ou Faculdades que possuam curso superior de Nutrição (BRUNORO e AFIF, 1997, p. 97-98).

Capinussú e Reis (2004, p. 161), destacam como atribuição do nutricionista os seguintes aspectos:

- a) Planejar, organizar e supervisionar o serviço de alimentação;
- b) Fazer o controle higiênico-sanitário das atividades executadas pelo serviço de alimentação do clube;
- c) Elaborar os cardápios e confeccionar a lista de compra de alimentos;
- d) Controlar os custos;
- e) Orientar o tipo de alimentação a ser consumida, antes e após as competições;
- f) Prescrever dietas individualizadas;
- g) Orientar as esposas e/ou familiares dos atletas sobre a importância da dieta balanceada;
- h) Elaborar folhetos informativos com orientações nutricionais;
- i) Dar orientações nutricionais a todo o grupo por meio de palestras; e
- j) Promover a integração multidisciplinar junto aos diferentes profissionais da equipe;

4.4.10 Assistente social

Frisselli e Mantovani (1999, p. 45) destacam que o Assistente Social é um profissional muito importante, principalmente para os atletas mais jovens. Seu trabalho muitas vezes pode ser confundido com o trabalho do psicólogo, mas sua atuação, na verdade ocorre antes mesmo do profissional de psicologia entrar em cena. Os atletas mais jovens que têm idades entre os 12-20 anos, muito comuns em clubes com categorias de base bem estruturadas, são encontrados em grande número. Muitos destes jovens são oriundos de camadas menos favorecidas da população, e muito cedo saem de casa em busca do sonho de ser jogador de futebol de alto nível e almejam ganhar muito dinheiro com a profissão.

A presença do assistente social auxilia na adaptação dos atletas em outros pontos muito importantes da formação, do lazer, dos estudos e muitas vezes dos problemas familiares. Sua atuação deve manter um vínculo muito estreito com o psicólogo do clube, com a finalidade de elaborar dinâmicas de grupo e socioculturais que envolvam os jovens e adolescentes das categorias de base do clube (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 45; CARRAVETTA, 2006, p. 64).

O assistente social colabora com a CT interagindo com os outros membros, para a formação integral do atleta e para o equilíbrio das relações de conflito, cooperação e competição do grupo de jogadores (CARRAVETTA, 2006, p. 64).

Dentre as muitas funções que o assistente social exerce destacamos as seguintes (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 45; CARRAVETTA, 2006, p. 64-65):

1. Providenciar documentos dos atletas;
2. Estabelecer normas e o regulamento interno dos atletas residentes no clube;
3. Distribuir os atletas em quartos de concentração e residência;
4. Colaborar nas situações de matrícula escolar, acompanhamento odontológico, promoção de saúde, fortalecimento do vínculo familiar, dificuldades de aprendizagem e adaptação ao clube;
5. Propor reflexões com relação à vida humana, educação sexual, prevenção de drogas, higiene, progressão e perspectivas profissionais, influencia de ídolos, noções de economia, amizade e relacionamento humano, liderança e ética profissional;
6. Contribuir para a organização pessoal, bons hábitos, desempenho escolar e controle de refeições diárias;
7. Criar atividades para o aproveitamento do tempo livre.

O assistente social busca alternativas sociopedagógicas, para compensar as necessidades dos atletas, organizando calendários de visita para os pais e os familiares, programando atividades para datas especiais com a finalidade de compensar a distância dos familiares, principalmente na páscoa, natal e ano-novo (CARRAVETTA, 2006, p. 64).

4.4.11 Dentista

O dentista é o profissional da CT responsável pela saúde oral do atleta, pela educação de hábitos de higiene bucal, de diagnósticos e tratamentos, com a finalidade de recuperar a funcionalidade e a estética. O dentista realiza exames no início da temporada e com certa periodicidade durante a temporada. O foco é para investigar a saúde oral, focos dentários, lesões cariosas, saúde gengival, halitose, distúrbios funcionais da articulação

têmporo-mandibular, oclusão dental, erupção dos sisos, sintomatologia dolorosa e respiração (CARRAVETTA, 2006, p. 69; FRISSELLI e MANTOVANI, 1999, p. 45).

Um ponto muito importante abordado pelos dentistas é com relação aos conhecimentos e experiências sobre a funcionalidade oral e bucal, pois a fonação, deglutição, respiração e mastigação só poderão ser mantidas com a colaboração e adesões do atleta aos tratamentos e prevenções. Nas categorias de base surgem atletas com dificuldades nasais respiratórias, isso provoca a síndrome do respirador nasal e, nestes casos, os jogadores são encaminhados para especialistas em ortodontia, fonoaudiologia, cirurgia plástica e otorrinolaringologista.

A boa dentição dos atletas tem como consequência uma melhora da saúde, um melhor desenvolvimento atlético, relacionamentos com mais qualidade e a autoestima privilegiada, e estes aspectos certamente refletirão no desempenho do atleta e na sua vida pessoal (CARRAVETTA, 2006, p. 69).

4.5 Categorias de base

A partir da década de 60 surge uma nova prática de formar jogadores e inovar o processo de ensino-aprendizagem do futebol. Alguns clubes criam as categorias de base com o objetivo de “produzir” novos atletas. Esta necessidade de formar jovens jogadores dentro dos clubes foi motivada por dois motivos principais: a) a crise no futebol, instalada na Copa do Mundo de 1966; b) a necessidade de formar futuros atletas com melhor condição da forma física, técnica e tática. Foi a partir desse momento que alguns clubes se adiantaram a esta nova imposição do futebol moderno e passaram a formar os jogadores dentro dos limites e exigência do próprio clube (PAOLI, 2008).

A formação desportiva deve ser executada em longo prazo, com diversas etapas e por equipes multidisciplinares. Os futuros atletas devem ser formados a partir de práticas sistematizadas e organizadas, com o objetivo de aumento de performance e desenvolvimento da seleção de talentos. A duração desta etapa vai de 6 a 10 anos ou 5000 a 6000 horas de trabalho, o que permite que sejam feitos diagnósticos de rendimentos com critérios objetivos e sistemáticos, possibilitando uma margem tolerável de erro. Deve existir ainda uma cooperação mútua em equipes multidisciplinares formada por professores de educação física, técnicos, médicos, nutricionistas, psicólogos e administradores esportivos (MONTAGNER e SILVA, 2003; SOARES & cols, 2011).

Esta formação metodológica e assistida inicia-se a partir dos 12 anos de idade. Muitos casos exigem um regime de albergamento voltado para o preparo físico, técnico e psicológico e pode ter a duração de 5000 a 6000 horas de trabalho. A carga horária para formar um atleta da base é alta, muitas vezes semelhante ao tempo aplicado nas equipes profissionais, o que sugere que a dedicação dos amadores e profissionais pode ser a mesma (SOARES & Cols, 2011).

Segundo Montagner e Silva (2003) esta formação é dividida em três fases:

1º FORMAÇÃO BÁSICA: pré-puberdade, entre 8 e 12 anos – pedagogia do esporte na escola verificando, através de jogos e competições pelo selecionador, premissas de hábitos e habilidades motoras, psicomotoras e de interesse para futuro encaminhamento nas modalidades específicas.

2º TREINAMENTO ESPECÍFICO: puberdade, entre 13 e 16 anos – ensino e consolidação dos procedimentos técnicos fundamentais e, no caso de esportes coletivos, a ação de jogo. Inicia-se o desenvolvimento de qualidades motoras de base, avaliação de parâmetros biométricos e funcionais, além de exames psicológicos.

3º TREINAMENTO DE ALTO NÍVEL: juvenil, entre 17 e 21 anos – alto aperfeiçoamento técnico e tático (excepcionalidade); adaptações fisiológicas ao treinamento; testes: de controle (jogos, competições, físicos etc.), sociológicos e psicológicos, visando ao grau de preparação do candidato relacionado com as exigências da modalidade indicada. Enfim, orientação para integração a clubes, seleções municipais, estaduais, regionais e nacionais.

As categorias de base devem permitir a possibilidade de aperfeiçoar as habilidades dos jovens atletas. A atenção especial deve ser direcionada em cada uma das etapas citadas anteriormente na correção de eventuais “vícios” na aplicação do gesto motor, preparando o jogador para entender a importância do trabalho físico, técnico e tático e do respeito das normas disciplinares do clube e do mercado de trabalho. O processo de formação nas categorias de base é primordial para a geração dos futuros atletas do clube (PAOLI, 2008).

4.6 Despesas com recursos humanos

O gasto com recursos humanos iniciou, de forma mais impactante, quando o processo de profissionalização dos jogadores de futebol brasileiros tomou forma na década de 30. A motivação ocorreu pela participação na Copa do Mundo de 1930 e do êxodo de jogadores para clubes europeus que já pagavam salários a seus atletas há alguns anos. O ato do então presidente Getúlio Vargas, em 1933, que assinou a nova legislação social e trabalhista para a profissão que sustentou a passagem do amadorismo para o profissionalismo, gerou a necessidade de despesas maiores com os atletas por conta desta exigência legal (FIGUEIREDO, p. 91, 2011; CARRAVETTA, p. 34-35, 2012).

Os salários dos jogadores e comissão técnica são hoje a parcela mais significativa de gastos de um clube. A cada nova temporada que se inicia existe a necessidade de contratações, dispensas, promoção de jovens das categorias de base e muitos destes atletas têm uma motivação especial para desempenhar um bom papel em campo: um salário melhor. Isso tende a onerar as folhas de pagamento e necessita ser equalizado pelos grupos de gestores do clube, que muitas vezes não são profissionalizados, compostos por diretorias amadoras, onde os diretores tem cargo político e não são remunerados (FIGUEIREDO, p. 129-239; LEONCINI & SILVA, p. 08, 2000).

As fontes de recurso dos clubes são as mais variadas possíveis. Nas principais ligas, a venda de ingressos, os patrocinadores e as redes de TV que transmitem os jogos são as principais fontes de arrecadação dos clubes. Atualmente, soma-se a elas os sócios, os quais tem representado, em alguns grandes clubes, uma boa fonte de renda. Apesar disso, quando nos referimos aos clubes que competem nas divisões de acesso, os apoiadores, que podem ser desde pequenos comerciantes até empresários do ramo futebolístico, são os que ajudam suporte financeiro dos clubes. A bilheteria, mesmo que pouca, também é a outra fonte de arrecadação dessas agremiações (FIGUEIREDO, 2011, p. 218; LEONCINI & SILVA, 2000, p. 08).

5. METODOLOGIA

5.1 Caracterização do estudo

O estudo caracteriza-se por ser descritivo exploratório. O método mais comum de pesquisa descritiva é o estudo exploratório, que inclui o questionário, a observação e a entrevista como forma de coleta de dados (THOMAS E NELSON, 2002, p. 280).

5.2 População

A população do estudo será composta pela totalidade de Técnicos e Presidentes ou Diretores de Futebol dos 14 clubes que compõe a 2ª Divisão do futebol profissional do estado do Rio Grande do Sul.

5.3 Critérios de inclusão

Serão incluídos os Técnicos e Presidentes ou Diretores de Futebol das equipes escolhidas para participar da amostra que estiverem exercendo suas funções de trabalho no clube no momento da entrevista.

5.4 Variáveis a serem coletadas

Variável	Definição	Tipo
Profissão	Formação	Categórica nominal
Cargo no clube	Tipo de função executada	Categórica nominal
Tempo no clube	Meses	Numérica
Cargos ocupados no clube	Meses	Categórica nominal
Comissão Técnica	Quadro de componentes	Categórica nominal
Início da carreira	Data do início da carreira	Numérica
Aperfeiçoamento	Formação	Categórica nominal
Especialização	Formação	Categórica
Resultados expressivos	Títulos	Categórica nominal
Clubes que trabalhou	Número de clubes	Numérica
O treinador foi jogador?	Sim/Não	Dicotômica
Categoria de base	Sub 20, 17, 15 e 13	Categórica nominal
Importância da base	Sim/não	Dicotômica
Qual a importância das categorias de base	Fonte de recursos, formação de atletas, outras	Categórica nominal
Qual a importância de se ter um CT?	Aberta	Categórica nominal
Fontes de recursos	Sócios, patrocinadores, poder público, licenciamentos, locações, doações, repasse de atletas.	Categórica nominal
Contratação do treinador	Critérios	Categórica nominal

Variável	Definição	Tipo
Contratação dos jogadores	Critérios	Categórica nominal
Despesas com jogadores	Reais	Numérica
Despesas com CT	Reais	Numérica
Despesas com comissão auxiliar	Reais	Numérica
Composição da diretoria	Membros que compõe a diretoria do clube	Categórica nominal
Existe CT no clube?	sim/não	Dicotômica
O CT é próprio?	sim/não	Dicotômica
Academia própria	Sim/não	Dicotômica
Academia (locação)	Sim/não	Dicotômica
Piscina própria	Sim/não	Dicotômica
Piscina (locação)	Sim/não	Dicotômica
Alojamentos	Sim/não	Dicotômica
Quantos alojamentos	Número de alojamentos	Numérica
Concentração própria	Sim/não	Dicotômica
Outra concentração	Local de concentração	Categórica
Cozinha	Sim/não	Dicotômica
Refeitório	Sim/não	Dicotômica
O clube oferece refeições	Sim/não	Dicotômica
Outro refeitório	Local de refeição	Categórica
Sala médica	Sim/não	Dicotômica
Sala de fisioterapia	Sim/não	Dicotômica

Variável	Definição	Tipo
Sala da CT	Sim/não	Dicotômica
Área de recreação e jogos	Sim/não	Dicotômica

Figura 1 – Quadro demonstrativo das variáveis que serão coletadas

5.5 Instrumento de coleta

Para a avaliação da infra-estrutura de pessoal será utilizado um questionário criado pelos próprios pesquisadores (Apêndice I e II). Este será baseado em questões de estudos pré-existent na literatura e conversas com pesquisadores e indivíduos que trabalham na área do futebol profissional. A falta de estudos que investiguem o referido tema força os investigadores a criar um instrumento para a averiguação dos objetivos propostos. Para investigar a infra-estrutura física dos clubes, será utilizado um check-list (Apêndice III), também criado pelos pesquisadores, onde estarão nomeadas todas as instalações que devem compor uma infra-estrutura facilitadora das atividades desenvolvidas pelos membros da CT.

5.6 Logística da coleta de dados

A coleta de dados será realizada nos clubes de futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul. Serão agendadas entrevistas com o Técnico da equipe e o Presidente ou Diretor de Futebol. O primeiro passo será a obtenção dos endereços e telefones das entidades com vistas a agendar as entrevistas e observações *in loco*.

Nas datas agendadas, o pesquisador principal, se deslocará até o município onde o clube está sediado e realizará os procedimentos de coleta de dados. As entrevistas serão realizadas individualmente, no ambiente do clube e a ordem de execução das mesmas se dará conforme a ordem de agendamento com os profissionais participantes. Posteriormente as entrevistas, será realizada uma observação no clube para preenchimento do check-list da estrutura física da entidade. No caso de locação de espaços físicos pelo clube, o pesquisador se deslocará ao local citado para verificação da veracidade das informações.

Todos os procedimentos a serem utilizados estão de acordo com os padrões aceitos internacionalmente e referenciados pela literatura, não representando qualquer risco de ordem física, psicológica ou moral para os indivíduos entrevistados.

5.7 Estudo piloto

O estudo piloto será realizado em um clube de futebol profissional da cidade de Pelotas, com o objetivo de verificar possíveis falhas de compreensão do questionário, necessidade de inclusão de novas perguntas relevantes ao estudo, familiarização e detalhamento no processo de observação do entrevistador para o preenchimento do *check-list*.

5.8 Processamento e análise de dados

Os dados coletados serão duplamente digitados no Programa Epi-Info 6.0 por digitadores independentes. Os dados digitados serão armazenados em bancos de dados distintos. Posteriormente os bancos serão cruzados para verificação de possíveis inconsistências de digitação.

A análise dos dados quantitativos será feita através do programa Stata 12.0. A análise será exclusivamente descritiva, sendo que, para as variáveis numéricas, realizar-se-ão o cálculo das medidas de tendência central (mediana e média com respectivo desvio padrão) e para as variáveis categóricas, o cálculo de proporções com seus intervalos de confiança de 95%.

5.9 Estudo qualitativo

A seção “Categorias de Base e CT” será realizada através de conversa com questões pré-determinadas, na qual o pesquisador estimulará o técnico e o diretor ou presidente a falar sobre o tema em questão. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita e analisada.

5.10 Aspectos éticos

Este projeto será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. A coleta de dados será realizada após esclarecimentos sobre o propósito da pesquisa e permissão de participação na mesma pelos indivíduos através de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice IV). O sigilo das informações e o direito de recusa serão garantidos aos entrevistados.

5.11 Divulgação dos resultados

Os resultados serão divulgados através da dissertação de mestrado exigida pelo programa, publicação no formato de artigo científico em revistas da área da Educação Física e Esportes, apresentação de comunicações em eventos acadêmicos da área de atividade física e saúde, além de informativo vinculado na imprensa local.

6. CRONOGRAMA

Tabela 1 – cronograma trimestral para execução projeto

[illegible]

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS DO ESPORTE. Disponível em: <[http:// www.confef.org.br](http://www.confef.org.br)> Acesso em 08 abr. 2013.

BRUNORO, José Carlos. AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997. 251 p.

CAPINUSSÚ, José Maurício. REIS, Jorge. **Futebol – Técnica, tática e administração**. Rio de Janeiro: Shape, 2004. 226 p.

CARRAVETTA, Élio. **Modernização da gestão no Futebol Brasileiro – Perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo**. Porto Alegre: AGE, 2006. 206 p.

CARRAVETTA, Élio. **O enigma da preparação física no futebol**. Porto Alegre: AGE, 2009. 111 p.

CARRAVETTA, Élio. **Futebol: a formação de times competitivos**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 206 p.

DIENSTMANN, Claudio. **Campeonato Gaúcho – 68 anos de história**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1987, 156 p.

DIENSTMANN, Claudio. DENARDIN. **Um século de futebol no Brasil: Do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze**. Porto Alegre: Gráfica APLUB. 158 p.

FALK, Paulo Roberto Alves. PEREIRA, Dyane Paes. **Futebol – Gestão e treinamento**. São Paulo: Ícone, 2010. 264 p.

FIGUEIREDO, Diego. **A profissionalização das organizações de futebol: Um estudo de caso sobre a estratégia, estrutura e ambiente dos clubes brasileiros**. 2011. 264 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FRISSELLI, Ariobaldo. MANTOVANI, Marcelo. **Futebol: Teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999. 254 p.

FUMAGAL, Rafael Foloni, LOUZADA, Roberto. **O modelo de gestão do São Paulo Futebol Clube. Razonypalabra**. nº 69, año 14, julio-septiembre 2009. Disponível em <www.razonypalabra.org.mx>. acesso em: 17 mar. 2013.

GASTALDO, ÉDISON. **“O país do futebol” mediatizado: Mídia e copa do Mundo no Brasil**. Sociologias. Nº 22. Ano 11. Julho-dezembro 2009. P 352-369. Porto Alegre.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GIUSTI, Lúcia Lobo et al. **Teses, dissertações e trabalhos acadêmicos – Manual de normas da UFPel**. Pelotas: 2006. 61 f.

GOMES, Antonio Carlos. SOUZA, Juvenilson. **Futebol – Treinamento desportivo de alto rendimento**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 256 p.

LEÃES, Cyro Garcia. **Futebol: treinamento em espaço reduzido**. Porto Alegre: Movimento, 2003. 92 p.

MARQUES, Daniel Siqueira Pitta. **Administração de clubes de futebol profissional e governança corporativa: Um estudo de casos múltiplos com clubes do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOLINA NETO, V. TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. 176 p.

MONTAGNER, Paulo César. SILVA, Caio César Oliveira. **Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de peneiras no futebol**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v 24 nº 2. Janeiro 2003.

PAOLI, Próspero Brum. **Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro**. Revista Brasileira de Futebol. nº 01(2): 38-52. Julho-Dezembro 2008.

REILLY, Thomas. WILLIAMS, Mark. **Science and Soccer**. 2.ed. New York: Routledge, 2003. 332 p.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. 00 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIGO, Luiz Carlos. **O porto e a fronteira: Notas sobre o pionerismo do futebol no interior gaúcho**. s/d.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador no S. C. Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SITE: <http://www.campeosdofutebol.com.br/hist_fut_rgsul.html>. acesso em 07/08/2013).

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. MELO, Leonardo Bernardes Silva de. COSTA, Felipe Rodrigues. BARTHOLLO, Tiago Lisboa. BENTO, Jorge Olímpio. **Jogadores de futebol no Brasil: Merca, formação de atletas e escola**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 33 nº 4. outubro-dezembro 2011.

SPESSOTO, Rubens Eduardo Nascimento. **Futebol profissional e administração profissional: da prática amadorística a gestão competitiva**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília, Brasília.

STOLEM, Tomas e Cols. **Physiology of soccer – An Update**. Sports Medicine. 35 (6): 501-536. 2005.

THOMAS, Jerry R. NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em Atividade Física**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. 341 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, São Paulo.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 212 p.

Apêndice I

Entrevista semi-estruturada com questões abertas e fechadas na investigação dos clubes da
2ª Divisão do futebol do RS - Treinador

Guia de entrevista – Treinador

Identificação do entrevistado – Treinador ou Diretor técnico – nº
Clube:
Nome Idade Profissão Clube Cargo no clube Tempo de cargo no clube Cargos ocupados no clube
Formação da comissão técnica – Como é?
Quem compõe a comissão técnica do clube? Técnico: Assistente técnico: Preparador físico: Qual a formação de cada um dos componentes da comissão? Técnico: Assistente técnico: Preparador físico: Especificamente para o técnico Em que ano o Sr. Iniciou sua carreira do treinador? O Sr. Realizou curso de formação de treinadores? (0) não (1) sim O Sr. Realizou cursos de aperfeiçoamento? (0) não (1) sim Se sim, qual? O Sr. Possui curso de graduação? (0) não (1) sim Se sim, qual? O Sr. Realizou cursos de especialização? (0) não (1) sim Quais os resultados mais expressivos no futebol conquistados durante sua carreira como técnico?

Em quais clubes já trabalhou na sua carreira como técnico?

Em quais divisões do futebol profissional já trabalhou?

(0) primeira (1) acesso (2) segunda

Antes de ser treinador, o Sr. Foi jogador de futebol profissional?

(0) não (1) sim

Se sim,

Isso ajudou em sua carreira como técnico? (0) não (1) sim

O Sr. se sente mais preparado que outros técnicos que não foram jogadores? (0) não (1) sim

Se sim, por que?

Ter sido jogador ajudou a conseguir emprego como técnico?

(0) não (1) sim

Se sim, por que?

Como o Sr. se atualiza/prepara para executar as funções de treinador?

Categorias de base e CT

O Sr. considera importante as categorias de base nos clubes? Por que?

O Sr. considera importante um CT para o treinamento das equipes do clube? Por que?

Apêndice II

Guia de entrevista – Presidente ou Diretor de futebol

Guia de entrevista – Presidente ou Diretor de futebol

Identificação do entrevistado – Presidente ou Diretor – nº
Clube:
Nome Idade Profissão Clube Cargo no clube Tempo de cargo no clube Cargos ocupados no clube
Formação da Diretoria – Como é?
Formação Existe formação acadêmica/aperfeiçoamento em gestão de clubes ou outra Início de vida no futebol (tempo/data)
Futebol e suas categorias
Quais são os critérios utilizados para a contratação do treinador? Quais são os critérios utilizados para a contratação e indicação de jogadores? O clube possui categorias de base? (0) Não (1) Sim, se sim quais? Quais são as fontes de recursos do clube? (0)sócios (1)patrocinadores (2)poder público (3)licenciamentos (4)locações (5)doações (6)repasso de atletas
Despesas do clube
Quais são os custos em reais do clube com: Jogadores? Comissão técnica? Comissão auxiliar?

Categorias de base
O Sr. considera importante as categorias de base nos clubes? (0) Não (1) Sim
Por que?

Apêndice III

Check-list – Infraestrutura física do clube

Check-list – nº

Clube:

Infraestrutura e patrimônio – Como é?

Estrutura para treinamento e competições

Estádio: (sim) (não)

Capacidade de público:

Existe CT no clube? (sim) (não)

O CT é próprio? (sim) (não)

Academia: (sim) (não)

Se não: Há locação de espaço para realização da musculação? (sim) (não)

Piscina (sim) (não)

Alojamentos (sim) (não) quantos? ()

Concentração (sim) (não) (outra)

Cozinha (sim) (não)

Refeitório (sim) (não)

O clube oferece refeições? (sim) (não) onde?

.....

Área de lazer/recreação (sim) (não)

Sala médica (sim) (não) (outra) qual?.....

Fisioterapia (sim) (não) (outra) qual?.....

Sala da CT (sim) (não) (outra) qual?.....

Sala de imprensa (sim) (não) (outra) qual?.....

Apêndice IV

Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Prof. Fábio Bitencourt Leivas

Instituição: Escola Superior de Educação Física – ESEF/UFPEL

Endereço: Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS

Telefone: (53) 32732752 • Fone Fax: (53) 3273 3851

Concordo em participar do estudo: “Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul: Uma investigação sobre infraestrutura física e de recursos humanos”. Estou ciente de que estou sendo convidado (a) a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será “Investigar a infraestrutura física e de recursos humanos e o conhecimento do técnico e de um dirigente acerca do futebol dos clubes que participam da Divisão de Acesso do RS”, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usados para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá nesta fase, a participação em uma entrevista.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado (a) de que não existem riscos no estudo.

BENEFÍCIOS: Este estudo pretende contribuir no crescimento e desenvolvimento do Futebol Profissional – Divisão de Acesso do Rio Grande do Sul.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

Fábio Bitencourt Leivas

2. Relatório do Trabalho de campo

(Dissertação de Fábio Bitencourt Leivas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



RELATÓRIO DO TRABALHO DE CAMPO

Futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul:

Uma investigação sobre infraestrutura física e recursos humanos

Prof. Fábio Bitencourt Leivas

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva

Pelotas/RS, 2014

1. Introdução

Este relatório refere-se ao trabalho de campo realizado para a coleta de dados do estudo cujo objetivo foi Investigar a infraestrutura física e de recursos humanos dos clubes que participam da 2ª Divisão do Futebol Profissional do Rio Grande do Sul (RS).

2. Instrumento

Para a avaliação da infra-estrutura de pessoal foi utilizado um questionário criado pelos próprios pesquisadores. Este foi baseado em questões de estudos pré-existentes na literatura e conversas com pesquisadores e indivíduos que trabalham na área do futebol profissional. A falta de estudos que investiguem o referido tema força os investigadores a criar um instrumento para a averiguação dos objetivos propostos. Para investigar a infra-estrutura física dos clubes, foi utilizado um check-list, também criado pelos pesquisadores, onde estavam nomeadas todas as instalações que devem compor uma infra-estrutura facilitadora das atividades desenvolvidas pelos membros da CT.

3. População do estudo

A população do estudo foi composta pela totalidade de Técnicos e Presidentes ou Diretores de Futebol dos 14 clubes que participaram da 2ª Divisão do futebol profissional do estado do Rio Grande do Sul.

4. Perdas e recusas

Foram considerados como recusas aqueles clubes os quais seus Treinadores ou Presidentes/dirigentes não quiseram responder ao questionário por opção pessoal e perda quem, após procurado por, no mínimo, três vezes, não foi encontrado na sede do clube ou em seu local de domicílio.

5. Logística

A coleta de dados foi realizada nos clubes de futebol da 2ª Divisão do Rio Grande do Sul. Foram agendadas entrevistas com o Treinador da equipe e com o Presidente ou Diretor de Futebol. O primeiro passo foi à obtenção dos endereços e telefones das entidades com vistas a agendar as entrevistas e observações *in loco*.

Nas datas agendadas, o pesquisador principal, se deslocou até o município onde o clube está sediado e realizou os procedimentos de coleta de dados. As entrevistas foram realizadas individualmente, no ambiente do clube e a ordem de execução das mesmas se deu conforme a ordem de agendamento com os profissionais participantes. Posteriormente as entrevistas, foi realizada uma observação no clube para preenchimento do check-list da estrutura física da entidade. No caso de locação de espaços físicos pelo clube, o pesquisador se deslocou ao local citado para verificação da veracidade das informações.

Todos os procedimentos que foram utilizados estão de acordo com os padrões aceitos internacionalmente e referenciados pela literatura, não representando qualquer risco de ordem física, psicológica ou moral para os indivíduos entrevistados.

6. Codificação, processamento e análise dos dados

A estrutura do banco de dados foi realizada no programa Microsoft Excel for Windows 2010. Cada questionário foi digitado por profissional treinado para tal função. Para análise dos dados, utilizou-se o software estatístico STATA 11.0. Foi realizada unicamente a análise univariada dos dados, com cálculo de medidas de tendência central (mediana, média e desvio padrão, valores mínimos e máximos) para as variáveis contínuas e de proporção para as variáveis categóricas.

3. Artigo

(Dissertação de Fábio Bitencourt Leivas)

PERFIL DOS TREINADORES E COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO TÉCNICA DOS CLUBES DA 2ª DIVISÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

(O presente artigo será submetido à Revista Brasileira de Ciências do Esporte)

Prof. Fábio Bitencourt Leivas

Universidade da Região da Campanha

Programa de Pós-Graduação em Educação Física ESEF/UFPeI

Rio Grande do Sul - Brasil

email: fabioleivas@gmail.com;fabioleivas@bol.com.br

Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação Física ESEF/UFPeI

Grupo de Estudos em Epidemiologia da Atividade Física – GEEAF

Universidade Federal de Pelotas

Rio Grande do Sul - Brasil

email: cozzensa@terra.com.br

Resumo

Foi realizado um estudo descritivo com os 13 clubes da 2ª divisão do futebol profissional do RS, no ano de 2013, com o objetivo de descrever o perfil dos treinadores e da comissão técnica. A média de idade dos treinadores foi de 46,7 anos, com experiência de 10,4 anos e média de atuação no clube atual de 6,4 meses. Mais de 80% já havia atuado como jogador profissional, entretanto, menos de 1/3 era graduados em Educação Física e 69,2% realizaram algum curso de formação em futebol. Em relação à comissão técnica, os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), e somente uma equipe não contou com preparador físico. Mais estudos são necessários para se conhecer a realidade do futebol das divisões de acesso do futebol.

Palavras chave: Futebol; recursos humanos; capacitação; esportes.

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil e no mundo representa uma atividade com enorme importância social cujas consequências ultrapassam as linhas do campo de jogo, tornando-se, muitas vezes, questões de estado (GASTALDO, 2009). Atualmente, esse é o desporto mais praticado e assistido no mundo. Para se ter idéia de sua dimensão, o futebol é praticado por cerca de 1,2 bilhões de pessoas diariamente, o que representa quase um quinto da população do planeta. Nesse universo, cerca de 150 milhões são atletas registrados em confederações, incluindo 10 milhões de mulheres (LEÃES, 2003). A modalidade vem sendo fomentada por organizações, entidades e indivíduos, cujas práticas e objetivos influenciaram sua situação atual (FIGUEIREDO, 2011).

O futebol de campo está organizado em sua estrutura, a nível nacional e regional, por divisões. Na primeira divisão atuam os clubes considerados de “elite”¹; já, nas divisões abaixo desta, estão inseridos os clubes que buscam o acesso à primeira divisão, chamada de divisões de acesso. As divisões de acesso apresentam, dependendo da unidade federativa do Brasil onde estão alocadas, diferentes nomenclaturas e categorias. Por exemplo, encontramos os campeonatos nacionais das séries B, C e D, o campeonato carioca das séries B e C, o campeonato paulista das séries A2 e A3. No estado do Rio Grande do Sul (RS) no ano de 2013, as divisões abaixo da principal se dividiram em divisão de acesso (outrora denominada de 2ª divisão, que daria direito ao acesso à divisão principal) e segunda divisão (outrora denominada de 3ª divisão, que daria acesso ao campeonato da divisão de acesso).

As divisões de acesso representam a parte de baixo da pirâmide salarial do futebol. Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) indicam que 84,0% dos jogadores de todas as divisões do Brasil recebem salários até 1.000 reais, 13,0% recebem entre 1.000 e 9.000 reais e uma pequena parte (3,0%) recebe mais de 9.000 reais de vencimentos mensais (SOARES et al., 2011, p. 911). Além das diferenças financeiras, os clubes das divisões principais possuem melhor estrutura física e de pessoal, o que ajuda a proporcionar um trabalho de maior qualidade na busca de

¹ Clubes da elite são considerados aqueles que estão disputando a divisão principal de determinado campeonato.

resultados expressivos nas competições. (FREIRE JUNIOR et al., 2011). Almeida, Oliveira e Silva (2011) enfocam que jogar em equipes de divisões de acesso impõe dificuldades e restrições. As condições de campo de jogo, por exemplo, são bem diferentes: enquanto os clubes da 1ª divisão possuem campos para treinamento, clubes das divisões menores, treinam e jogam no mesmo gramado (ALMEIDA, OLIVEIRA e SILVA, 2011).

Por algumas das condições descritas acima, comandar uma equipe das divisões de acesso não é tarefa fácil. Somado a elas, a dinâmica e competição do futebol atual têm imposto aos treinadores atuais atualização constante, tanto nos métodos de treinamento, quanto no conhecimento de seus adversários (HIROTA et al., 2011) (MARTURELLI JR e OLIVEIRA, s/d). O treinador é o principal condutor da comissão técnica, cabendo a ele a responsabilidade pelo ambiente do vestiário, pelo desenvolvimento dos conteúdos e metodologias que determinam a estabilização e a integração de todos os membros da comissão técnica (CARRAVETTA, 2009).

Apesar de se conhecer a importância dos treinadores e da comissão técnica para a realização de um bom trabalho nos clubes de futebol, existe escassez de informações acerca desses profissionais. Quando se refere ao futebol profissional das divisões de acesso, inexistem estudos no Brasil sobre esse tema e acredita-se, portanto, que este trabalho poderá contribuir para uma melhor compreensão e, conseqüentemente, ajuda na estruturação do futebol das divisões de acesso. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi descrever o perfil dos treinadores e a composição da comissão técnica que atuavam nas equipes que compunham o futebol da 2ª divisão do RS no ano de 2013.

METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se por ser descritivo exploratório, que incluiu o questionário, a observação e a entrevista como forma de coleta de dados. A população do estudo foi composta pela totalidade de Técnicos de Futebol dos 13 clubes que participaram da 2ª Divisão do futebol profissional do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2013. Faziam parte da competição os seguintes clubes: Guarany Futebol Clube (Bagé), Grêmio Esportivo Bagé (Bagé), Esporte Clube 14 de Julho (Santana do Livramento), Esporte Clubes Guarani (Venâncio Aires), Sport Club Rio Grande (Rio Grande), Grêmio Esportivo Sapucaense

(Sapucaia do Sul), Clube 15 de Novembro (Campo Bom), Associação Garibaldi de Esportes (Garibaldi), Esporte Clube Palmeirense (Palmeira das Missões), Tupi Futebol Clube (Crissiumal), Associação Nova Prata de Esportes (Nova Prata), Futebol Clube Marau (Marau), Três Passos Atlético Clube (Três Passos).

A primeira etapa para realização do estudo foi o contato com a Federação Gaúcha de Futebol para a obtenção do endereço e número telefônico de todos os clubes participantes da Segunda Divisão. Posteriormente, o pesquisador responsável, de posse do número telefônico, entrou em contato com cada uma das agremiações que disputariam o campeonato para certificação do endereço das mesmas, a possibilidade de realização da pesquisa e, em caso positivo, o agendamento do local, data e horário das entrevistas. Com o agendamento realizado, o pesquisador se deslocou a cada um dos municípios onde os clubes estavam sediados e procedeu a de coleta de dados. As entrevistas foram realizadas in loco, com cada um dos treinadores, de forma individual, no próprio ambiente do clube. A ordem de execução das mesmas se deu conforme a ordem de agendamento com os profissionais participantes.

Para a avaliação do perfil do treinador e composição da comissão técnica foi utilizado um questionário estruturado, pré-testado, com questões fechadas e abertas, criado pelos pesquisadores. O questionário coletou variáveis demográficas (idade – anos), de trabalho (profissão; tempo no cargo – meses; cargos ocupados no clube; início de carreira – ano que iniciou como treinador; curso de formação/aperfeiçoamento – especializações, cursos técnicos na área de futebol de campo; resultados expressivos conquistados – número de títulos ganhos; clubes que trabalhou – lista de clubes anteriores; experiência como atleta profissional de futebol – sim, não, importância da experiência como atleta para o trabalho de treinador – questão aberta; importância das divisões de base e centro de treinamento; componentes da comissão técnicas – auxiliar técnico, preparador físico, preparador de goleiros, massagista, médico, fisioterapeuta, psicólogo, dentista, nutricionista, roupeiro; formação dos componentes da comissão – grau de estudo). O presente questionário passou por estudo piloto com três treinadores de equipes profissionais da divisão de acesso do campeonato gaúcho de futebol de campo para treinamento do aplicador do questionário e detecção de possíveis falhas ou falta de perguntas fundamentais a execução do estudo.

A estrutura do banco de dados foi realizada no programa Microsoft Excel for Windows 2010. Cada questionário foi digitado por profissional treinado para tal função. Para análise dos dados, utilizou-se o software estatístico STATA 11.0. Foi realizada unicamente a

análise univariada dos dados, com cálculo de medidas de tendência central (mediana, média e desvio padrão, valores mínimos e máximos) para as variáveis contínuas e de proporção para as variáveis categóricas.

O protocolo do estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob número 475.742. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido consentindo fazer parte da população estudada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de idade dos treinadores foi de 46,7 anos ($DP \pm 5,0$ anos), sendo que o treinador mais jovem possuía 39 anos de idade e o mais velho 58 anos, muito semelhante ao encontrado por Costa, Samulski e Marques (2006) em treinadores da primeira divisão do campeonato mineiro de futebol. Estudo de Costa (2005), realizado com treinadores de equipes de Portugal, encontrou média de idade de 35,9 ($\pm 9,52$), sendo o treinador com menor idade possuía 20 anos e o mais velho 58 anos.

Embora os números mostrem friamente uma realidade local, enquanto País, sabemos que muitos destes treinadores são alçados ao cargo de treinador logo depois que encerram suas carreiras como atletas. Portanto esta média de idade elevada pode estar representando profissionais que iniciaram suas carreiras a mais ou menos 10 anos, então não estamos ainda falando de um profissional ainda muito experimentado e consolidado. Este fato de característica local pode influenciar em uma idade média superior, quando comparamos clubes de países tão diferentes do ponto de vista cultural como Brasil e Portugal. A cultura de países da Europa é de uma formação profissional mais prevalente, enquanto sabemos que no Brasil a formação tanto acadêmica quanto profissional atinge um percentual menor da população.

A média de tempo de experiência como treinador e o no cargo na equipe em que atualmente treinam foram, respectivamente, de 10,4 anos ($DP \pm 7,2$) e 6,4 meses ($DP \pm 7,2$ meses). O treinador mais antigo iniciou carreira profissional no ano de 1992 e o mais novo em 2013. Estudo de Costa Costa, Samulski e Marques (2006) encontrou tempo médio de experiência como treinador igual a 13,7 anos ($DP \pm 9,4$), corroborando com os achados do presente estudo. Não foram encontrados estudos que descrevam o tempo médio de

permanência de um treinador em equipes profissionais de futebol de campo. O pouco tempo de permanência encontrado entre os técnicos do presente estudo pode estar relacionado com alguns fatores a serem descritos. O primeiro refere-se ao pouco tempo de duração da competição, a qual dura em torno de cinco meses. Outro fator é o contrato de trabalho entre o treinador e os clubes, o qual, geralmente, duram o período da competição, de forma a não onerar as despesas do clube. Por último, a tradição do futebol brasileiro, o qual prima por resultados a curto prazo.

Os resultados mostraram que, dos 13 treinadores entrevistados, somente três possuem formação em Educação Física (30,8%) e um em Direito, cinco cursaram, mas trancaram, a graduação em Educação Física, um está cursando Educação Física e três possuíam unicamente ensino médio completo (Figura 1). Estudo de Costa (2005) encontrou que 23,3% dos entrevistados possuía o grau equivalente ao nosso ensino médio, com 12 anos de escolaridade, exigência para a realização do curso de formação de treinadores, 10,3% possuía o equivalente ao ensino fundamental e a maioria (66,4%) o ensino superior, dados heterogêneos aos encontrados no presente estudo. Em estudo com treinadores de tênis no estado do Paraná, Cortela et al. (2013) verificou que 34% dos profissionais estudados possuíam graduação em Educação Física e 19% estavam cursando o referido curso².

A Lei n ° 9.696/98 que regulamenta a atuação do Profissional de Educação Física, determina que os profissionais que não comprovaram o exercício da profissão anteriormente à vigência dessa lei, necessariamente, terão que se graduar na área para poder atuar no mercado do futebol, considerado uma atividade própria dos profissionais de Educação Física. No caso do presente estudo, a maioria dos técnicos apresentava atuação anterior à data da lei, o que fez com que os mesmos estivessem habilitados a se cadastrar no conselho Federal de Educação Física e receber o provisionamento para o trabalho que hoje exercem.

² Ao compararmos esportes tão diferentes, demonstra-se a escassez de estudos com profissionais ligados ao futebol. Embora, no âmbito sociocultural, estas modalidades sejam distintas, é importante realizar tal aproximação no sentido de tentar investigar se as diferentes modalidades desportivas no Brasil possuem, do ponto de vista de qualificação profissional, distinções. Além disso, se a formação desses profissionais é suficiente para prepará-los para exercerem suas práticas enquanto treinadores.

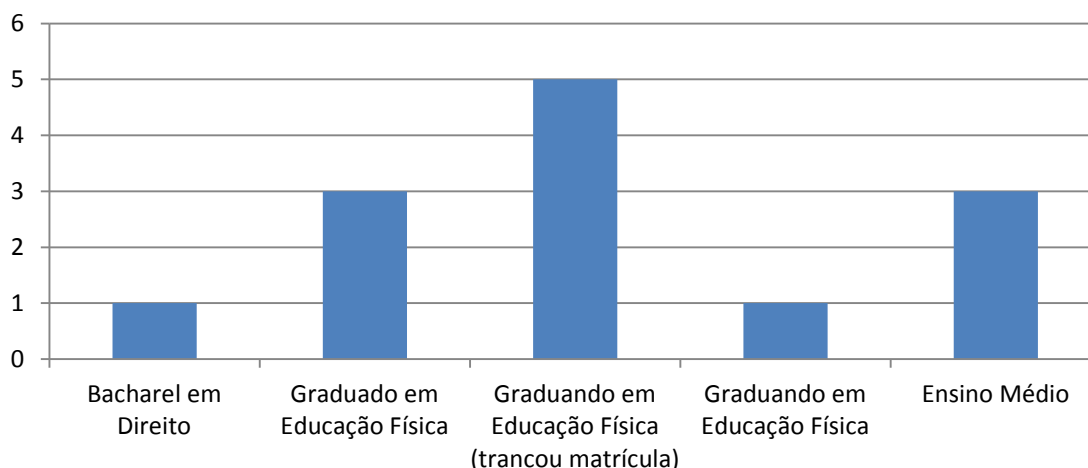


Figura 1– Grau de formação dos treinadores (n=13)

Do total de 13 técnicos, nove (69,2%) responderam que realizaram algum curso de formação relacionado ao futebol de campo enquanto quatro responderam que não realizaram curso algum. Quanto a algum curso de aperfeiçoamento ou atualização, apenas dois (15,4%) tinham realizado alguma formação continuada, de atualização ou aperfeiçoamento. Quanto à realização de algum curso de especialização, apenas um (7,7%) dos entrevistados respondeu ter realizado e concluído tal grau acadêmico. Esse último resultado chama a atenção por se tratar de um treinador graduado em Educação Física, que respondeu, inclusive, que possuía mais de um curso de especialização relacionado às áreas de treinamento desportivo e treinamento de futebol.

Cortela et al. (2013) relata que a formação dos treinadores de diferentes desportos está fortemente associada à via confederativa e, no caso específico do futebol de campo, isso não é diferente. A baixa frequência encontrada para atualização através de cursos de especialização está relacionada ao grau de formação superior dos entrevistados. Segundo Gomes et al. (2011) a escolaridade apresentada pelos treinadores pode influenciar na escolha em relação aos locais/instituições onde os mesmos irão procurar continuar e qualificar suas formações. O mesmo autor salienta que treinadores com formação de ensino médio, vêm a atribuir às federações a responsabilidade sobre as ações de capacitação, enquanto os técnicos com formação superior em Educação Física consideram que todas as entidades oficialmente reconhecidas deveriam exercer essa função.

Os treinadores também foram questionados sobre sua experiência como jogadores profissionais: 11 (84,6%) responderam que já haviam sido profissionais dessa modalidade. Ao serem questionados sobre a importância da relação entre ter sido jogador e a melhor preparação para exercer o cargo de treinador, oito entrevistados (61,5%) responderam que a experiência como jogador foi importante para o cargo no qual se encontravam. Em relação ao histórico de ex-atleta profissional facilitar na obtenção do cargo de treinador, 10 respondentes (76,6%) relataram que tal fato ajudou muito a ser selecionado para a função. Em seu estudo, Costa (2005) relatou que a maioria dos treinadores (92,2%) possuía prática como ex-atleta de futebol, dado similar ao do presente estudo, onde o passado como atleta possui uma tendência de direcionar o mesmo para a sequência na carreira de treinador de futebol.

Segundo Costa (2003), a cultura do esporte nacional em relação ao futebol de campo continua a valorizar a utilização de ex-atletas na função de treinador, sendo que, muitas vezes, esse profissional não possui qualificação nem foi submetido a um processo de preparação para o cumprimento dessa atividade. O mesmo autor descreve que tal razão se deve a dois fatores principais: regulamentação da profissão e às funções que o profissional de Educação Física deve exercer e a fragilidade dos cursos de Educação Física. Como descrito anteriormente, somente no mês de setembro de 1998 (Lei n.º 9696/98), o professor de Educação Física foi reconhecido como o profissional qualificado para atuar como treinador esportivo, o que dá margem a antigos envolvidos no treinamento com futebol a continuar trabalhando (seguindo as normativas atuais).

Em relação aos cursos de Educação Física, o referido autor relata que, apesar dessas instituições apresentarem grades curriculares extensas e que contemplem áreas do conhecimento do homem psicofisiológico, as mesmas não priorizam a formação de treinadores nas diversas modalidades esportivas. Isto faz com que os graduandos, ao término do curso, não se sintam preparados para ingressar e atuar nesse mercado de trabalho. Contradizendo tais afirmativas, Gilbert (2006) afirma que a construção do conhecimento profissional é fortemente influenciada pela experiência de prática cotidiana no esporte e decorre de um processo contínuo que se inicia ainda na condição de jogador em formação.

Em relação aos títulos conquistados, oito treinadores (61,5%) responderam que não possuíam qualquer título em suas carreiras, enquanto que cinco (38,5%) responderam que possuíam um ou mais títulos expressivos em sua trajetória como técnico. Diferentemente dos achados, Costa et al. (2006) descreve que 76,9% dos treinadores por eles pesquisados no estado de Minas Gerais, já haviam conquistado algum título na carreira. Tal diferença pode se dar pelos fatos que os treinadores estudados por Costa et al. (2006) trabalhavam em clubes da

divisão principal do campeonato estadual, a qual procura “nomes vitoriosos” para dirigir seus plantéis e porque a segunda divisão ainda serve como local de experiência e formação de novos treinadores.

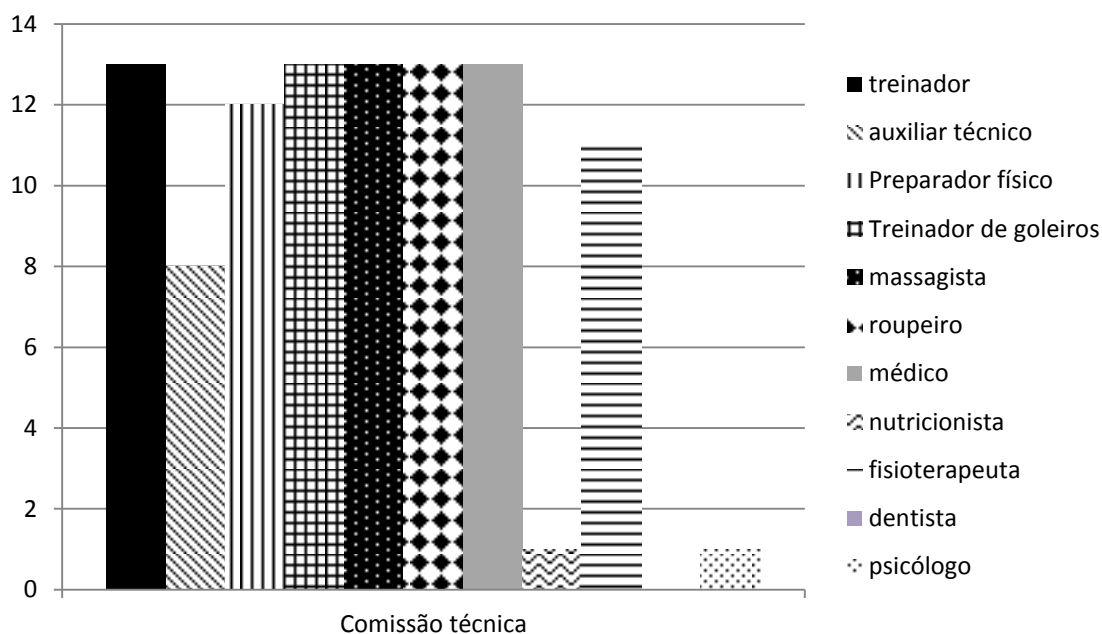
Quando perguntados sobre o número de clubes em que já haviam atuado como treinador, as respostas variaram de nenhum a 10 clubes, sendo a média de 3,8 clubes ($DP \pm 2,8$). Dois treinadores (15,4%) já haviam trabalharam em sete clubes e um treinador estava em sua primeira experiência como comandante de elenco futebolístico. Em relação às divisões em que tinham atuado, seis indivíduos (46,2%) responderam que já haviam trabalhado na primeira e na segunda divisão do futebol de campo. O campeonato da segunda divisão ocorre em período do ano diferente dos campeonatos da divisão principal e acesso. Isto permite que os técnicos, de acordo com as cláusulas contratuais estabelecidas com os clubes, venham a dirigir outras equipes durante o mesmo ano.

Os treinadores foram questionados sobre a importância das categorias de base e da infraestrutura física, de um centro de treinamento para os clubes. Houve unanimidade em afirmar que estes dois pontos são importantes na estrutura de um clube de futebol. Sousa (2000), afirma que as categorias de base não garantem que aqueles atletas que participam da mesma sejam efetivados como profissionais, mas que esta é um rito de passagem pelos jovens atletas até chegarem ao profissional. A importância da base é destacada em primeiro lugar, pela contenção de despesas com contratação de jogadores que possuem passes valorizados e com o possível retorno financeiro, que pode ocorrer com a negociação dos direitos federativos dos atletas que se destacam tanto na base quanto no profissional (PAOLI, 2008; CAETANO e RODRIGUES, 2009). Com relação a infraestrutura física, os centros de treinamento (CTs), são utilizados tanto na formação dos novos atletas, como na preparação e treinamento das equipes principais (LOUZADA e FUMAGAL, 2009; MARQUES, 2005). RODRIGUES (2003) destaca, ainda, que estes centros são verdadeiros laboratórios na preparação e formação e atletas e que os mesmos trazem consigo, a utilização de novas tecnologias sendo extremamente importantes aos clubes de futebol.

Um programa de treinamento voltado para o esporte competitivo necessita de controle de uma série de variáveis que podem, dependendo de como manuseadas, melhorar ou prejudicar o desempenho coletivo ou individual. Nesse contexto, a comissão técnica do clube é a responsável por controlar o ambiente de treinamento, tomando as precauções para o bom andamento das atividades (GOULD et al., 1999). Segundo Peres e Lovisolo (2006), o aperfeiçoamento técnico é claramente reivindicado para toda comissão técnica, que

invariavelmente deve ser composta por treinador e auxiliares, preparador físico, nutricionista, fisioterapeuta e médico. Os treinadores deste estudo responderam sobre como era constituída a comissão técnica de seus clubes. Os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico (o treinador acumulava o cargo). O auxiliar técnico esteve presente em oito equipes (61,5%), o fisioterapeuta em 11 (84,6%), o psicólogo em uma (7,7%) e o dentista e o nutricionista em nenhum clube (Figura 2). Os salários dos jogadores e comissão técnica são, hoje, a parcela mais significativa de gastos de um clube (FIGUEIREDO, 2011). Em clubes com baixa arrecadação financeira, os quais, na maioria das vezes, dependem de apoiadores independentes e dirigentes, a contratação de uma comissão técnica completa é quase inviável. Além da falta de condição financeira, vários clubes não apresentam estrutura física para o desenvolvimento de trabalho de uma comissão dita como “ideal”. As equipes aqui estudadas apresentaram, em quase totalidade, os cargos mínimos necessários para o bom andamento do trabalho de preparação física, técnica e tática: técnico, preparador físico, treinador de goleiros e médico.

Figura 2 – Composição da comissão técnica dos clubes 13 clubes participantes do campeonato gaúcho da segunda divisão no ano de 2013.



A formação do auxiliar técnico e do preparador físico também foram alvo de investigação: o ensino médio completo foi o grau máximo de escolaridade encontrado para

todos auxiliares técnicos. Em relação aos preparadores físicos (n=12), 11 eram graduados em Educação Física (91,7%) (um deles possuía curso de pós graduação na área) e um estava cursando faculdade (8,3) (Figura 3). O futebol, por ser um esporte coletivo de característica cíclica e acíclica, onde eventos aeróbios, predominantes, e anaeróbios, decisivos, requer do jogador um ótimo desempenho físico. Esse desempenho exigido aos atletas vem se modificando com o passar dos anos pela evolução dos sistemas ofensivos e defensivos aplicados no futebol. Devido a isso, é de grande importância que a comissão técnica obtenha indicadores que apontem as necessidades, limitações e evoluções, com a finalidade de planejar o treinamento mais indicado ao grupo de jogadores dentro do período de preparação no qual se encontram (BORIN et al., 2011). Baseado nessas premissas, a utilização de preparadores graduados em Educação Física com formação continuada em treinamento esportivo e fisiologia do exercício é necessária para a busca de melhores resultados.

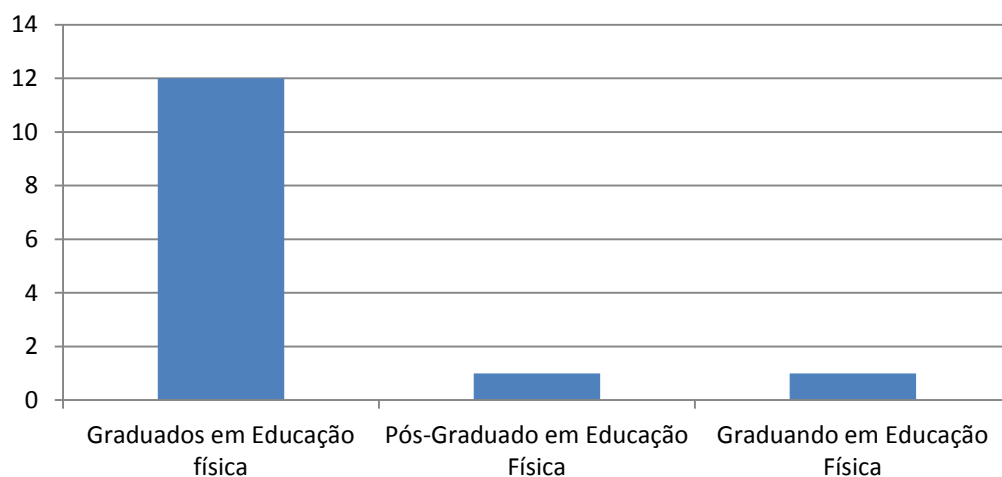


Figura 3 – Grau de formação dos Preparadores físicos (n=13)

O cuidado metodológico, a logística de coleta de dados acontecida em várias cidades do Rio Grande do Sul e a ausência de perdas e recusas são alguns pontos a serem destacados no estudo. Entretanto, apesar da realização de um estudo piloto, questões abertas acerca do tema pesquisado poderiam ter sido inseridas no questionário.

CONCLUSÃO

Os achados do estudo identificaram que os treinadores de futebol profissional da segunda divisão do RS apresentaram média de idade de 46,7 anos, com experiência profissional de 10,4 anos e média de atuação no clube atual de 6,4 meses. Menos de 1/3 dos treinadores eram graduados em educação Física e 69,2% realizaram algum curso de formação em futebol de campo. Mais de 80% já havia atuado como jogador profissional e 61,5% relataram que tal experiência foi importante para a atuação no cargo que exercem. Em relação à comissão técnica, os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico. Os clubes também apresentaram considerável frequência de auxiliares técnicos e fisioterapeutas, mas outros profissionais como dentista e psicólogo, também de grande importância, não estiveram presentes nas comissões técnicas. Outro fator importante foi à formação/atualização dos treinadores, a qual está, em grande parte, associada, quase que exclusivamente, às confederações. Isso pode estar associado a dois fatores: a formação básica dos treinadores muitas vezes os impossibilita de realizarem cursos específicos voltados a graduados; e, em muitos casos, o curso de formação superior (graduação em Educação Física ou Ciências do Desporto) não apresentam em sua grade curricular disciplinas específicas voltadas ao futebol de campo, as quais poderiam atrair os indivíduos a cursá-lo. O futebol de campo, mesmo com toda sua grandiosidade, ainda carece de estudos que identifiquem sua realidade, em especial a das divisões de acesso e das equipes amadoras. Portanto, sugerimos que mais estudos sejam direcionados para essa modalidade esportiva, a qual é idolatrada nas cidades onde se estabelecem e que abastecem com treinadores, jogadores e membros da comissão técnica, os clubes das divisões acima.

PROFILE OF COACHES AND TECHNICAL COMMITTEE OF THE 2ND DIVISION OF PROFESSIONAL SOCCER OF RIO GRANDE DO SUL/BRAZIL

ABSTRACT: A descriptive study was carried out with 13 clubs of the 2nd professional soccer division of RS in 2013, aiming to describe the profile of coaches and the coaching staff. The mean age of the coaches was 46.7 years with 10.4 years of experience and mean of 6.4 months in the current club. Over 80% were professional players, however, less than one third were graduates in Physical Education and 69.2% underwent a course of training in football. Regarding the technical committee, the positions of coach, goalkeeper coach, medical and wardrobe were present in all the clubs (100%), and only one team had not a physical trainer. More studies are necessary to know the reality of smaller divisions of Brazilian soccer.

Key words: soccer; human resources; training; sports.

PERFIL DE ENTRENADORES Y COMITÉ TÉCNICO DE LA DIVISIÓN 2 DE FUTBOL PROFESIONAL RIO GRANDE DO SUL/BRASIL

RESUMEN: Un estudio descriptivo de los 13 clubes de la segunda división del fútbol profesional en estado do Rio Grande do Sul se llevó a cabo en 2013, con el objetivo de describir el perfil de los entrenadores y el cuerpo técnico. La edad media de los entrenadores fue de 46,7 años con experiencia de 10,4 años y el rendimiento medio en el club actual 6,4 meses. Más del 80% había trabajado como un jugador profesional, sin embargo, menos de un tercio se graduó en Educación Física y el 69,2% se sometieron a un curso de entrenamiento en el fútbol. En cuanto a la comisión técnica, las posiciones de entrenador, entrenador de portero, médico y mayordomo estaban presentes en todos los clubes (100%), y sólo un equipo no estaba con el preparador físico. Se necesitan más estudios para conocer la realidad del fútbol brasileño divisiones menores.

Palabras clave: Fútbol, recursos humanos, formación, deportes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lucas Gomes. OLIVEIRA, Márcio Lopes de. SILVA, Cristiano Diniz da. **Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas divisões principais do futebol brasileiro**. Revista brasileira Educação Física Esporte. São Paulo. v. 25, n.1, p.49-54, jan./mar. 2011.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **Esboço sobre algumas implicações do futebol e da copa do mundo para o Brasil**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.
- BORIN, João Paulo. **Avaliação dos efeitos do treinamento no período preparatório em atletas profissionais de futebol**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 219-233, jan./mar. 2011.
- BRASIL, Lei nº 9696, de 1º de setembro de 1998. **Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física**. disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm> Acesso em 28/01/2014.
- CAETANO, Sidney Martins. RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **Modernização do Futebol Brasileiro e a Transferência Internacional de Jogadores Brasileiros. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)**.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. REIS, Jorge. **Futebol – Técnica, tática e administração**. Rio de Janeiro: Shape, 2004. 226 p.
- CARRAVETTA, Élio. **Modernização da gestão no Futebol Brasileiro – Perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo**. Porto Alegre: AGE, 2006. 206 p.
- CARRAVETTA, Élio. **O enigma da preparação física no futebol**. Porto Alegre: AGE, 2009. 111 p.
- CORTELA, Caio Correa. ABURACHID, Layla Maria. SOUZA, Silvio Pinheiro. CORTELA, Débora Navarro Rocha. FUENTES, Juan Pedro. **A formação inicial e continuada dos treinadores Paranaenses de tênis**. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 2, p. 60-84, abr./jun. 2013.
- COSTA, I.T.; SAMULSKI, D.M.; MARQUES, M.P. **Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 14(3): 55-62, 2006.
- COSTA, João Paulo Azevedo da. **A formação do treinador de futebol. Análise de competências, modelos e necessidade de formação**. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana.
- COSTA, Varley Teoldo da. **Análise do perfil de liderança atual e ideal de treinadores de futsal de alto rendimento, através da escala de liderança no desporto (ELD)**. 2003. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

FIGUEIREDO, Diego. **A profissionalização das organizações de futebol: Um estudo de caso sobre a estratégia, estrutura e ambiente dos clubes brasileiros**. 2011. 264 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREIRE JUNIOR, José Martins. SILVA, Luís Fernando da. CIMASCHI, Juliana Patrícia Ribeiro. CIMASCHI NETO, Enrique Osvaldo. **Verificação e comparação da iniciação ao futebol de jogadores juniores de clubes da 1ª e 2ª divisão**. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.9, n.4, 2010.

FRISSELLI, Ariobaldo. MANTOVANI, Marcelo. **Futebol: Teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999. 254 p.

FUMAGAL, Rafael Foloni, LOUZADA, Roberto. **O modelo de gestão do São Paulo Futebol Clube. Razonypalabra**. nº 69, año 14, julio-septiembre 2009.

GASTALDO, Edison. **“O país do futebol” mediatizado: mídia e copa do mundo no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 22, p. 352-369, jul./dez. 2009.

GILBERT, W. D. CÔTE, J. MALLET, C. **Developmental paths and activities of successful sport coaches**. International Journal of Sports Sciences & Coaching, Brentwood, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2006.

GOMES, Rúben Emanuel. ISIDRO, Ana Sofia Marques. BATISTA, Paula Maria Fazendeiro. MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro. **Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: Um estudo com treinadores Portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional**. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 22, n. 2, p. 185-195, 2. trim. 2011.

GOULD, D. GUINAN, D. GREENLEAF, C. MEDBERY, R. PETERSON, K. **Factors affecting olympic performance: Perceptions of athletes and coaches from more and less successful teams**. The Sports Psychology, 13, 371-394, 1999.

HIROTA, Vinicius Barroso. SILVA, Luiz Fernando Benevides. DE MARCO, Ademir. VERARDI, Carlos Eduardo Lopes. **Estilo de liderança de técnicos de futebol**. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.10, n.5, 2011.

LEÃES, Cyro Garcia. **Futebol: treinamento em espaço reduzido**. Porto Alegre: Movimento, 2003. 92 p.

MARQUES, Daniel Siqueira Pitta. **Administração de clubes de futebol profissional e governança corporativa: Um estudo de casos múltiplos com clubes do estado de São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MARTURELLI JR., Mauro. OLIVEIRA, Aurélio Luiz de. **Treinadores de Futebol de Alto Nível: As evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa/Paraná, Brasil, s/d.

PAOLI, Próspero Brum. **Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro**. Revista Brasileira de Futebol. nº 01(2): 38-52. Julho-Dezembro, 2008.

PERES, Lila. LOVISOLO, Hugo. **Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil**. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2. sem. 2006.

PINNO, Cristiano Rafael. GONZÁLES, Fernando Jaime. **A musculação e o desenvolvimento da potência muscular nos esportes coletivos de invasão: uma revisão bibliográfica na literatura brasileira**. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 16, n. 2, p. 203-211, 2º sem. 2005.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador no S. C. Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. MELO, Leonardo Bernardes Silva de. COSTA, Felipe Rodrigues. BARTHOLO, Tiago Lisboa. BENTO, Jorge Olímpio. **Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 33, nº 4, 905-921. outubro-dezembro 2011.

SOUSA, Priscilla Andreato Rosa de. **A Prata da Casa: a ‘mercadoria força de trabalho jogador de futebol’ no Brasil pós Lei Pelé**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

4. Press release

(Dissertação de Fábio Bitencourt Leivas)

Pesquisa identifica perfil dos treinadores e da comissão técnica dos clubes da 2ª divisão do futebol gaúcho em 2013

As divisões de acesso representam a parte de baixo da pirâmide salarial do futebol. Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) indicam que 84,0% dos jogadores de todas as divisões do Brasil recebem salários até 1.000 reais, 13,0% recebem entre 1.000 e 9.000 reais e uma pequena parte (3,0%) recebe mais de 9.000 reais de vencimentos mensais. Além das diferenças financeiras, os clubes das divisões principais possuem melhor estrutura física e de pessoal, o que ajuda a proporcionar um trabalho de maior qualidade na busca de resultados expressivos nas competições.

Para melhor entender a realidade da 2ª divisão do futebol gaúcho, em especial o perfil dos treinadores e formação da comissão técnica dos clubes que a disputam, o mestrando do curso de Educação Física da ESEF/UFPel, Fábio Bitencourt Leivas, juntamente com seu orientador, Prof. Dr. Marcelo Cozzensa da Silva, conduziram uma pesquisa nos 13 clubes que disputaram a competição no ano de 2013.

A média de idade entre os treinadores que atuavam nestas equipes foi de 46,7 anos, com experiência profissional de 10,4 anos e média de atuação no clube atual de 6,4 meses. Menos de 1/3 deles era graduado em Educação Física e 69,2% realizaram algum curso de formação em futebol de campo. Mais de 80% já havia atuado como jogador profissional e 61,5% relataram que tal experiência foi importante para a atuação no cargo que exercem. Em relação a comissão técnica, os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico. A presença de psicólogo apareceu em somente uma equipe e não houve relato de dentistas trabalhando na comissão.

O futebol de campo, mesmo com toda sua grandiosidade, ainda carece de estudos que identifiquem sua realidade, em especial a de equipes que disputam campeonatos amadores pelo estado do Rio Grande do Sul.

5. Anexos

(Dissertação de Fábio Bitencourt Leivas)

Normas para publicação na Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Diretrizes para Autores

Foco da Revista: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), instância de difusão da produção acadêmica dos pesquisadores da área de conhecimento circunscrita ao campo de intervenção da Educação Física/Ciências do Esporte. É editada sob responsabilidade institucional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), possuindo periodicidade quadrimestral. Publica prioritariamente pesquisas originais sobre temas relevantes e inéditos, mas também há espaço para trabalhos de caráter interpretativo tais como ensaios, artigos de revisão e resenhas. As submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

Seções: Os textos submetidos à RBCE devem ser direcionados para uma das 3 seções: **Artigos Originais** (trabalhos oriundos de pesquisas empíricas e/ou teóricas originais sobre temas relevantes e inéditos, apresentando, preferencialmente, as seguintes seções fundamentais - ou variações destas, de acordo com a exposição do objeto e resultados da investigação: *introdução; material e métodos; resultados e discussão; conclusões; referências*; **Artigos de Revisão** (artigos cujo objetivo é sintetizar e/ou avaliar trabalhos científicos já publicados, estabelecendo um recorte temporal, temático, disciplinar e/ou geográfico para análise da literatura consultada) e **Resenhas** (análises sobre livros publicados, preferencialmente, nos últimos dois anos ou obras clássicas reeditadas e/ou que ainda não foram resenhadas). **A PARTIR DE 30 DE SETEMBRO DE 2010, AS SUBMISSÕES DE ARTIGOS DE REVISÃO ESTARÃO SUSPENSAS POR TEMPO INDETERMINADO.**

Trabalhos com quatro ou mais autores: Em manuscritos com 04 (quatro) ou mais autores devem ser obrigatoriamente especificadas, no campo **Comentários ao Editor** (no canto inferior da página do *Passo 1: Iniciar submissão*, na plataforma on-line da RBCE), as responsabilidades individuais de todos os autores na preparação do mesmo, de acordo com o modelo a seguir: "Autor X responsabilizou-se por...; Autor Y responsabilizou-se por...; Autor Z responsabilizou-se por..., etc."

Língua: A RBCE aceita a submissão de artigos em português, espanhol ou inglês, porém não permite o seu encaminhamento simultâneo a outro periódico nacional, quer seja na íntegra ou parcialmente.

Formatos: Todos os trabalhos devem ser enviados por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revista (Seer), endereço: <http://www.rbceonline.org.br/>. O texto deve estar gravado em formato Microsoft Word, sem qualquer identificação de autoria. Os metadados deverão ser preenchidos obrigatoriamente com o título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), instituição, país, e-mail(s) do(s) autor(es). No campo "Resumo da Biografia" - campo OBRIGATÓRIO - devem ser informados os seguintes dados: último grau acadêmico, instituição em que trabalha, cidade, estado (unidade da Federação) e país (de todos os autores), endereço postal, telefone e fax (apenas do contato principal do trabalho).

Tamanho: Os artigos devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5, sem espaçamento entre os parágrafos e com deslocamento de 1,25 cm na primeira linha (com exceção das citações com mais de 3 linhas), folha A4, margens inferior, superior, direita e esquerda de 2,5 cm. Citações com mais de três linhas, notas de rodapé, legendas e fontes das ilustrações, figuras e tabelas, devem ser em tamanho 11. A extensão máxima para artigos e ensaios (sem contar o resumo) é de 35.000 caracteres (contando espaços) e para resenhas é de 8.000 a 10.000 caracteres (com espaços).

Título do trabalho: O título deve ser breve e suficientemente específico e descritivo do trabalho e deve vir acompanhado de sua tradução para a língua inglesa e espanhola.

Resumo: Deve ser elaborado um resumo informativo, incluindo objetivo, metodologia, resultados, conclusão, acompanhado de sua tradução para a língua inglesa e espanhola. Cada resumo que

acompanhar o artigo deverá ter, no máximo, 790 caracteres (contando espaços). Para contar os caracteres, usar-se-á, no Word, no item *Ferramentas*, a opção *Contar Palavras*.

Palavras-chave (Palabras clave, Keywords): constituídos de quatro termos que identifiquem o assunto do artigo em português, inglês e espanhol separados por ponto e vírgula. Recomendamos a utilização dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), disponível em: <http://decs.bvs.br>.

Modo de apresentação dos artigos: Página inicial e subseqüentes (adotar OBRIGATORIAMENTE a seguinte ordem): 1) *Título* informativo e conciso em português (ou na língua em que o artigo será submetido): caixa alta e centralizado (sem negrito); 2) *Resumo* em português (ou na língua em que o artigo será submetido) com no máximo 790 caracteres incluindo espaços. Deve ser inserido com um *enter* logo abaixo do título; 3) *Palavras-chave*: em português (ou na língua em que o artigo será submetido), quatro termos separados por ponto e vírgula e inseridos imediatamente abaixo do resumo; 4) Elementos textuais (corpo do texto, seguindo a estrutura correspondente para cada seção escolhida. Observação: nos subtítulos das seções devem ser digitados em caixa alta e alinhados à esquerda e não utilizar negrito para nenhuma forma de destaque ao longo do texto, inclusive nos subtítulos; 5) *Título em Inglês* (centralizado, sem negrito e apenas iniciais em caixa alta); 6) *Abstract*: em itálico e contendo no máximo 790 caracteres incluindo espaços; 7) *Keywords*: quatro termos separados por ponto e vírgula; 8) *Título em Espanhol* (centralizado, sem negrito e apenas iniciais em caixa alta); 9) *Resumen*: em itálico e contendo no máximo 790 caracteres incluindo espaços; 10) Palabras clave: quatro termos separados por ponto e vírgula; 12) *Referências* (conforme normas da RBCE). Para maiores esclarecimentos, visualize o modo de apresentação dos elementos textuais nos seguintes exemplos (<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/292/527> e <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/261/535>)

Modo de apresentação das resenhas: A resenha deve atender às seguintes orientações: referir-se à obra relacionada ao foco da RBCE; ser inédita; extensão de 8.000 a 10.000 caracteres (com espaços), incluindo, se houver, referências; incluir referência bibliográfica completa, do livro resenhado, no cabeçalho; título (opcional); conter descrição do conteúdo da obra, sendo fiel a suas ideias principais; oferecer uma análise crítica (um diálogo do autor da resenha com a obra), evitando a submissão de textos meramente descritivos. As outras exigências de submissão são idênticas às das demais seções da RBCE.

Notas: Notas contidas no artigo devem ser indicadas com algarismos arábicos e de forma sequencial imediatamente depois da frase a que diz respeito. As notas deverão vir no rodapé da página correspondente. *Observação:* não inserir Referências Bibliográficas completas nas notas, apenas como referência nos mesmos moldes do texto. Devem constar nas *Referências* ao final do artigo ou resenha.

Agradecimentos: Agradecimentos poderão ser mencionados sob a forma de nota de rodapé.

Apoio financeiro: É obrigatório informar no manuscrito, sob a forma de nota de rodapé (no título do trabalho, na primeira página), e no *Passo 2: Metadados da Submissão*, no campo específico **Agências de Fomento** (no canto inferior da página de submissão) todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração do trabalho, mencionando agência de fomento, edital e número do processo. Caso a realização do trabalho não contou com nenhum apoio financeiro, acrescentar a seguinte informação tanto no campo indicado acima quanto no manuscrito (como nota de rodapé na primeira página): *O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização*. Nos trabalhos que declararem algum tipo de apoio financeiro, essa informação será mantida na publicação sob a forma de nota de rodapé.

Apêndices: Apêndices podem ser empregados no caso de listagens extensivas, estatísticas e outros elementos de suporte.

Figuras e tabelas: Quando for o caso, as ilustrações e tabelas devem ser apresentadas no interior do manuscrito na posição que o autor julgar mais conveniente. Devem ser numeradas, tituladas e apresentarem as fontes que lhes correspondem. As imagens devem ser enviadas em alta definição (300 dpi, formato TIF), e deverão vir acompanhadas de autorização específica para cada uma delas (por escrito e com firma reconhecida) em que seja informado que a imagem a ser reproduzida no manuscrito foi autorizada, especificamente, para esse fim. No caso de fotografias, a autorização tem de ser feita pelo

fotógrafo (mesmo quando o fotógrafo é o próprio autor do manuscrito) e pelas pessoas fotografadas. Obras cujo autor faleceu há mais de 71 anos já estão em domínio público e, portanto, não precisam de autorização. As legendas e fontes das ilustrações, figuras e tabelas, devem ser em tamanho 11.

Comitê de Ética: Os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados dentro dos termos da Resolução 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde (disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>), quando envolver experimentos com seres humanos; e de acordo com os Princípios éticos na experimentação animal do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal - COBEA - (disponível em: <http://www.cobea.org.br/etica>), quando envolver animais. Os autores deverão encaminhar como *Documento suplementar*, juntamente com os manuscritos nas situações que se enquadram nesses casos, o parecer de Comitê de Ética reconhecido ou declaração de que os procedimentos empregados na pesquisa estão de acordo com os princípios éticos que norteiam as resoluções já citadas.

Conflitos de interesse: É obrigatório que a autoria do manuscrito declare a existência ou não de conflitos de interesse. Mesmo julgando não haver conflitos de interesse, o(s) autor(es) deve(m) declarar essa informação no ato de submissão do artigo, no *Passo 2: Metadados da Submissão*, no campo **Conflitos de interesse, e na primeira página do manuscrito sob a forma de nota de rodapé**. Os conflitos de interesse podem ser de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira, tais como: ser membro consultivo de instituição que financia a pesquisa; participar de comitês normativos de estudos científicos patrocinados pela indústria; receber apoio financeiro de instituições em que a pesquisa é desenvolvida; conflitos presentes no âmbito da cooperação universidade-empresa; identificação e contato com pareceristas *ad hoc* durante o processo de avaliação etc. Quando os autores submetem um manuscrito, eles são responsáveis por reconhecer e revelar conflitos financeiros ou de outra natureza que possam ter influenciado seu trabalho. Os autores devem reconhecer no manuscrito todo o apoio financeiro para o trabalho e outras conexões financeiras ou pessoais com relação à pesquisa (vide item *Apoio financeiro*, logo acima nesta página). Não havendo conflitos de interesse, basta transcrever e acrescentar tanto no campo indicado acima quanto no manuscrito (sob a forma de nota de rodapé no título do trabalho, na primeira página) a seguinte nota: *Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo*. Nos trabalhos nos quais forem declarados a existência de conflitos de interesse, essa informação será mantida na publicação sob a forma de nota de rodapé.

Referências: NBR 6023/2003. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto são da responsabilidade do autor. Informação oriunda de comunicação pessoal, trabalhos em andamento e não publicados não devem ser incluídos na lista de referências, mas podem ser indicadas em nota de rodapé na página onde for citada.

Exemplos de Referências:

Livros com um autor:

FULANO, B. Título da publicação. [apenas a primeira letra em maiúscula, a não ser em casos de nomes próprios, com destaque em *itálico*]. Tradução [se houver]: Prenome e Sobrenome do tradutor. N.º da Edição. Cidade: Nome da Editora [apenas o nome. por exemplo: Autores Associados], Ano da Edição. Exemplo: MARINHO, I. P. *Introdução ao estudo de filosofia da educação física e dos desportos*. Brasília: Horizonte, 1984.

Livros com dois autores:

FULANO, B.; BELTRANO, F. Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. Exemplo: ACCIOLY, A. R.; MARINHO, I. P. *História e organização da educação física e desportos*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

Livros com três autores:

FULANO, B.; BELTRANO, F.; SICRANO, A. Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. Exemplo: REZER, R.; CARMENI, B.; DORNELLES, P. O. *O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos*. 4. ed. São Paulo: Argos, 2005.

Obs.:

- quando houver mais de três Autores/Organizadores, cita-se o primeiro seguido de *et al.* (em itálico). Exemplo: TANI, G. *et al.* *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 1988.

- obras do mesmo Autor/Organizador publicadas no mesmo ano são identificadas com acréscimo de letras em minúscula, na sequência alfabética ascendente. Exemplos:

(FULANO, Ano da Ediçãoa)

(FULANO, Ano da Ediçãob)

- Autor/Organizador diferente com mesmo sobrenome, distingue-se da seguinte forma:

(FULANO, X., Ano da Edição)

(FULANO, Y., Ano da Edição)

Partes de livros com autoria própria:

FULANO, B. Título do artigo/texto. In: BELTRANO, F. (org.). Título da publicação: subtítulo. Cidade: Nome da Editora, Ano da Edição. p. xx-xx. Exemplo: GOELLNER, S. Mulher e Esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C.; KNIJIK, J. D. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-374.

Dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso:

BELTRANO, F. Título: subtítulo. Ano. Paginação. Tipo do documento (dissertação, tese, trabalho de conclusão de curso), grau entre parênteses (Mestrado, Doutorado, Especialização em...) - vinculação acadêmica, o local e o ano da defesa. Exemplo: SANTOS, F. B. *Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002*. 2005. 400 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Anais de Congressos:

BELTRANO, F. Título do trabalho. In: XX Congresso, Ano, Cidade. Anais... Cidade, Nome da Editora, Ano da Edição. Volume ou nº. p. xx-xx. Exemplo: SANTOS, F. B.. Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: MFPA, 2005. v. 1, p. 236 - 240.

Periódicos:

FULANO, B.; BELTRANO, F. Título do artigo/texto. Nome do Periódico, Cidade, v. xx, n.º x, p. xx-xx, Mês - Ano. Exemplo: GOMES, I. M.; PICH, S; VAZ, A. F. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade dos consumidores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 137-151, maio 2006.

Obs.: quando houver mais de três Autores/Organizadores, cita-se o primeiro seguido de *et al.* (em itálico).

Jornais:

FULANO, B. Título do artigo/texto. *Nome do Jornal*, Cidade, p. xx, Dia Mês - Ano. Exemplo: SILVEIRA, J. M. F. Sonho e conquista do Brasil nos jogos olímpicos do século XX. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 25-27. 12 abr. 2003.

Legislação:

LOCAL (país, estado ou cidade). *Título* (especificação da legislação, n.º e data). Indicação da publicação oficial. Exemplo: BRASIL. *Decreto n.º 60.450*, de 14 de abril de 1972. Regula a prática de educação física em escolas de 1º grau. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, v.126, n.66, p.6056, 13 abr. 1972. Seção 1, pt. 1.

Documentos eletrônicos online:

AUTOR. *Título*. Local, data. Disponível em: <...>. Acesso em: dd mm aaaa. Exemplo: LOPEZ RODRIGUEZ, A. Es la Educacion Física, ciencia? *Revista Digital*, Buenos Aires, v.9, n. 62, jul. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 maio 2004.

HERNANDES, E. S. C. Efeitos de um programa de atividades físicas e educacionais para idosos sobre o desempenho em testes de atividades da vida diária. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 2, n. 12, p. 43-50, 05 jun. 2004. Quadrimestral. Disponível em: . Acesso em: 05 jun. 2004.

Recomendações: Recomenda-se que se observem as normas da ABNT referentes a apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6023/2003), apresentação de citações em documentos (NBR 10.520/2002), apresentação de originais (NBR 12256), norma para datar (NBR 5892), numeração progressiva das seções de um documento (6024/2003) e resumos (NBR 6028/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

Orientações gerais sobre citações:

Citações diretas com menos de três linhas são inseridas no próprio corpo do texto, entre aspas, com a referência da mesma forma acima.

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em destaque, separadas do corpo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) e entrelinha (distância entre as linhas) menores e sem aspas, com a letra inicial em maiúsculo, e, ao fim, seguidas da referência abaixo exemplificada.

Citação com reprodução de fala ou diálogo, coloca-se em destaque, separada do corpo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) e entrelinha (distância entre as linhas) menores e entre aspas, em itálico e com a letra inicial em maiúsculo.

Quando, numa citação entre aspas, houver um trecho também entre aspas, estas devem ser substituídas por aspas simples (').

As indicações de autoria de citações direta e indireta incluídas no texto devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas, indicando-se a data e páginas entre parênteses.

Um autor: Segundo Fulano (Ano, p. xxx).

Dois autores: Segundo Fulano e Sicrano (Ano, p. xxx).

Três autores: Fulano, Sicrano e Beltrano (Ano, p. xxx).

Mais de três autores: Fulano *et al.* (Ano, p. xxx).

As indicações de autoria de citações direta e indireta (entre parênteses) devem vir em letras maiúsculas, seguidas da data e páginas.

Um autor: (FULANO, Ano, p. xxx).

Dois autores: (FULANO; SICRANO, Ano, p. xxx).

Três autores: (FULANO; SICRANO; BELTRANO, Ano, p. xxx).

Mais de três autores: (FULANO *et al.*, Ano, p. xxx).

Citação de citação: trata-se da citação de um texto que se teve acesso a partir de outro documento. Recomendamos evitar o emprego desse tipo de citação. Caso elas sejam inevitáveis, seguir o modelo abaixo:

No texto:

Leedy (1988 *apud* RICHARDSON, 1991, p. 417) compartilha deste ponto de vista ao afirmar "os estudantes estão enganados quando acreditam que eles estão fazendo pesquisa, quando de fato eles estão apenas transferindo informação factual [...]".

No rodapé: Faz-se a referência do autor citado (opcional), no caso acima, a obra de Leedy (1988).

Na lista de referências: Faz-se a referência do documento consultado - no exemplo acima, a obra de Richardson (1991) -, conforme os modelos acima.

Informações sobre o processo de avaliação: Os manuscritos que atenderem as instruções aos autores serão submetidos ao Conselho Editorial ou a pareceristas *ad hoc*, que os apreciarão observando o sistema *peer-review*. Aqueles que receberem avaliações discordantes serão encaminhados a um terceiro revisor(a) para fins de desempate. Manuscritos aceitos, ou aceitos com indicação de reformulação, poderão retornar aos autores para aprovação de eventuais alterações no processo de editoração do número para o qual foi submetido ou para números subsequentes. Manuscritos recusados não serão devolvidos, a menos que sejam solicitados pelos respectivos autores no prazo de até seis meses posterior a data de submissão.

Outras informações: caso seu artigo possua imagens (figuras, quadros, tabelas, fotografias etc.) ou qualquer outra reprodução que não seja de sua propriedade, enviar, como *documento suplementar*, uma Declaração que autoriza o uso de cada imagem ou documento (por escrito e com firma reconhecida) em que esteja declarado que o material a ser reproduzido em seu artigo (colocar o título do artigo na referida declaração) está liberado para esse fim. Qualquer pagamento que tenha de ser feito para a obtenção da autorização deverá ser efetuado pelo(s) Autor(es). Caso o original contenha fotografias, a Declaração de autorização tem de ser feita pelo fotógrafo e pelas pessoas fotografadas. Em caso de fotografias de crianças e jovens, a Declaração deve ser assinada pelos pais ou representantes legais. Em algumas situações, há necessidade de pedir autorização dos herdeiros ou detentores dos Direitos Autorais. O mesmo vale para Letras de música e Poesias, pois mesmo pequenas citações demandam a autorização do Autor ou dos detentores dos Direitos Autorais. Epígrafes seguem a mesma regra. Citação de texto de ficção necessita sempre de autorização, assim como texto e/ou imagem protegidos pela legislação e que são obtidos em sites da Internet.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e NÃO está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em *Comentários ao Editor*.
2. Os METADADOS deverão ser preenchidos com:
 - Título, Resumo e Palavra(s)-chave nos idiomas Português, Inglês e Espanhol;
 - Nome(s) do(s) autor(es);
 - Último grau acadêmico (APENAS);
 - Cidade, Unidade da Federação (Estado) e País;
 - Instituição em que trabalha ou estuda;
 - Endereço postal (OBRIGATÓRIO), telefone/fax;

3. Os arquivos para submissão estão digitados em editor de texto editor de texto Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5, sem espaçamento entre os parágrafos e com deslocamento de 1,25 cm na primeira linha (com exceção das citações com mais de 3 linhas), folha A4, margens inferior, superior, direita e esquerda de 2,5 cm; emprega itálico ao invés de negrito e/ou sublinhado (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas no texto, e não em seu final. Possui extensão máxima de 35.000 caracteres, para o caso de artigos, ou 10.000 caracteres (contabilizando os espaços), para resenhas.
4. Deve constar no CORPO DO TEXTO:
 - Título;
 - Resumo e;
 - 4 palavra(s)-chave;

*Todos os três itens acima DEVEM estar disponíveis nos idiomas: Português, Inglês e Espanhol.

5. No corpo do texto ou em nota de rodapé NÃO deverá existir informações/identificação referente(s) ao(s) autor(es), **incluindo qualquer referência explícita da autoria do manuscrito.**

*Essas informações devem constar APENAS no Sistema Eletrônico da RBCE nas partes referentes ao preenchimento dos METADADOS.

6. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em [Assegurando a Avaliação por Pares Cega](#).
7. No caso de pesquisas que envolvem seres humanos ou animais, foi encaminhado, como *documento suplementar*, parecer de Comitê de Ética reconhecido ou declaração de que os procedimentos empregados na pesquisa seguem os princípios éticos que norteiam pesquisas com seres humanos e animais de acordo com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde e do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal.
8. Foram elaboradas notas de rodapé e inseridas informações nos campos específicos indicando: 1) todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração do trabalho, mencionando agência de fomento, edital e número do processo; 2) a existência ou não de "Conflitos de interesse", conforme estabelecido nas normas para submissão, no item *Diretrizes para Autores*.

Declaração de Direito Autoral

Declaração de Direito Autoral:

A RBCE orienta que só devem assinar os trabalhos as pessoas que de fato participaram das etapas centrais da pesquisa, não bastando, por exemplo, ter revisado o texto ou apenas coletado os dados. Todas as pessoas relacionadas como autores, por ocasião da submissão de trabalhos na RBCE, estarão automaticamente declarando responsabilidade, nos termos a seguir:

1. Declaração de Responsabilidade: "Certifico que participei suficientemente do trabalho para tornar pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo. Certifico que o manuscrito representa um trabalho original e que nem este manuscrito, em parte ou na íntegra, nem outro trabalho com conteúdo substancialmente similar, de minha autoria, foi publicado ou está sendo considerado para publicação em outra revista, quer seja no formato impresso ou no eletrônico, exceto o descrito em 'Comentários ao Editor'. Atesto que, se solicitado, fornecerei ou cooperarei

totalmente na obtenção e fornecimento de dados sobre os quais o manuscrito está baseado, para exame dos editores."

2. Transferência de Direitos Autorais: "Declaro que, em caso de aceitação do artigo por parte da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), concordo que os direitos autorais a ele referentes se tornarão propriedade exclusiva do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), vedado qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, farei constar o competente agradecimento ao CBCE e os créditos correspondentes a RBCE."

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou terceiros.